

Rodrigo Almeida
Tatiana Cunha
Tiago Valois

*Gerenciamento de riscos no turismo de
aventura na Bahia*

(VERSÃO DIGITAL)

Faculdade Ruy Barbosa
Salvador – Bahia
Outubro, 2005.

Rodrigo Almeida
Tatiana Cunha
Tiago Valois

Gerenciamento de riscos no turismo de aventura na Bahia

Dissertação apresentada como exigência
parcial para obtenção do grau de Pós-
graduado no MBA em Gestão de
Negócios à Comissão julgadora da
Faculdade Ruy Barbosa de Salvador,
sob a orientação do Prof. Nelson Gomes.

Faculdade Ruy Barbosa
Salvador – Bahia
Outubro, 2005.

Dedicatória

À cidade de Lençóis que com seus encantos naturais e seu povo hospitaleiro foi a fonte de inspiração.

Agradecimentos

À Secretaria de Turismo de Lençóis e aos gestores das empresas de turismo de aventura que nos ajudaram e colaboraram para esta monografia.

Fio D'água
Não quero ser o grande rio caudaloso
Que figura nos mapas.

Quero ser o cristalino fio d'água
Que canta e murmura na mata silenciosa.

(Helena Kolody)

SUMÁRIO

LISTAS	7
RESUMO	8
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	9
1. PROBLEMA	10
2. JUSTIFICATIVA	10
3. OBJETIVOS	12
3.1. GERAL	12
3.2. ESPECÍFICOS	12
4. METODOLOGIA	12
4.1. DELINEAMENTO / ABORDAGEM	12
4.2. LOCAL GEOGRÁFICO	13
4.3. POPULAÇÃO / AMOSTRA	13
4.4. INSTRUMENTOS DE PESQUISA	14
4.5. PROCEDIMENTOS	14
4.6. TRATAMENTO ESTATÍSTICO / ANÁLISE DOS DADOS	14
5. ESTRUTURA DO TRABALHO	15
CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS	32
CAPÍTULO IV – CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS	46
BIBLIOGRÁFICAS	46
ELETRÔNICAS	47
APÊNDICE	49
ANEXOS	53
ANEXO 1	54
ANEXO 2	57
ANEXO 3	58
ANEXO 4	59
ANEXO 5	61
ANEXO 6	68

LISTAS

<i>Figura 1 – Modelo de gerenciamento de risco no turismo de aventura em montanha (baseado no British Mountaineering Council).....</i>	<i>23</i>
<i>Figura 2 – Modelo REACT para gerenciamento de risco em aventura</i>	<i>24</i>
<i>Tabela 1 - Procedimentos para analisar os perigos.....</i>	<i>24</i>
<i>Figura 3 - Matriz de avaliação do risco (WILKS e DAVIS, 2000:595)</i>	<i>25</i>
<i>Figura 4 – Consequências negativas da gestão inadequada do risco.....</i>	<i>30</i>
<i>Gráfico 1 - Atividades oferecidas pelas empresas prestadoras de serviço de turismo de aventura em Lençóis</i>	<i>32</i>
<i>Gráfico 2 – Os guias e monitores das empresas de Lençóis possuem quais qualificações para prestar o pronto socorro?</i>	<i>33</i>
<i>Gráfico 3 - As empresas utilizam algum sistema de comunicação entre a base e o local de operação?.....</i>	<i>34</i>
<i>Gráfico 4 - Sistema de comunicação utilizado entre a base e local de operação.....</i>	<i>35</i>
<i>Gráfico 5 - Principais riscos que a atividade do turismo de aventura oferece.....</i>	<i>35</i>
<i>Gráfico 6 - Principais riscos que o ambiente onde o turismo de aventura é praticado oferece.....</i>	<i>36</i>
<i>Gráfico 7 - Normas adotadas pelas empresas de turismo de aventura de Lençóis</i>	<i>37</i>
<i>Gráfico 8 - Os clientes assinam algum tipo de termo de responsabilidade em caso de acidentes?.....</i>	<i>38</i>
<i>Gráfico 9 - A empresa assina algum tipo de termo de responsabilidade em caso de acidentes?.....</i>	<i>38</i>
<i>Gráfico 10 - A empresa tem algum relatório ou histórico que registre casos de acidentes e incidentes?</i>	<i>39</i>
<i>Gráfico 11 - Já ocorreu algum tipo de acidente ou incidente durante as atividades oferecidas pela empresa?</i>	<i>39</i>
<i>Gráfico 12 - Principais acidentes ocorridos</i>	<i>40</i>
<i>Gráfico 13 - Existe um planejamento anterior à realização da atividade em relação a o pronto-socorro em caso de acidente?</i>	<i>41</i>
<i>Gráfico 14 - A empresa desenvolve gerenciamento de riscos?</i>	<i>43</i>
<i>Gráfico 15 - Motivos das empresas considerarem importante o gerenciamento de riscos</i>	<i>43</i>
<i>Figura 5 - Mapa das regiões turísticas da Bahia por Município, Bahiatursa, 2005. .</i>	<i>54</i>
<i>Figura 6 - Mapa das regiões turísticas onde o turismo de aventura é mais praticado na Bahia, Bahiatursa, 2005.</i>	<i>55</i>
<i>Figura 7 - Mapa da Região da Chapada Diamantina, website Cidades Históricas, 2005.....</i>	<i>56</i>
<i>Figura 8 - Catálogo de fabricantes de equipamentos de técnicas verticais</i>	<i>59</i>
<i>Figura 9 – Catálogo de fabricantes de equipamentos de técnicas verticais.....</i>	<i>60</i>

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa tem o objetivo de identificar como as organizações que estão sediadas em Lençóis e que oferecem serviços de Turismo de Aventura estão gerenciando os riscos inerentes as suas atividades.

Delimitamos a pesquisa às empresas prestadoras de serviços de turismo de aventura que estão sediadas na cidade de Lençóis. Acreditamos estar trabalhando com o lugar mais representativo, em todos os aspectos (profissionalismo, demanda, infraestrutura, diversidade, entre outros) do turismo de aventura na Bahia. E, a partir de Lençóis, poderemos estender, futuramente, em próximas pesquisas, para todo o restante da Bahia.

O resultado desta pesquisa deve demonstrar como essas empresas gerenciam os riscos decorrentes da atividade que oferecem, ajudando as organizações a conhecerem melhor sua conduta operacional. Desta forma, estas poderão corrigir suas falhas e otimizar suas atividades, transmitindo, assim, uma maior confiabilidade aos seus clientes.

ABSTRACT

This particular research has the objective to identify how organizations, that are located in Lençóis and provide adventure tourism services, are managing the risk of its activities.

We narrowed our research to organizations who offered adventure tourism services and are located in Lençóis city. We believe that we are working with the best place in everyway possible in the area of adventure tourism in Bahia (professionally, its demand, infra-structure, diversity and many more). Therefore, we will be able to extend, in future researches, to all of Bahia state.

The result of this research should show how these organizations manage the risk that the activity offers, helping them understand their operational system better. In this way they are able to correct their faults, improving their activities and giving a trustworthiness service to their clients.

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

O turismo de aventura, surgido, inicialmente, como uma ramificação do ecoturismo, é um dos segmentos turísticos que mais cresce em todo o mundo. O Brasil segue essa mesma tendência, pois as atividades de lazer e esportes ligadas à natureza, estão em grande evidência, inclusive com um grande apelo da mídia nacional vendendo constantemente o conceito de natureza, esporte e aventura.

As pessoas, devido a diversos motivos como o estresse diário e a intensa rotina de trabalho, têm buscado cada vez mais atividades que envolvem emoção e interação com o meio ambiente. Além disso, o potencial do país, com toda a sua diversidade natural e extensão territorial, vem possibilitando o surgimento de empresas e profissionais especializados que oferecerem vários roteiros e atividades de aventura para turistas brasileiros e estrangeiros, proporcionando-lhes experiências únicas e enriquecedoras nos mais variados e ricos ecossistemas.

As empresas prestadoras desse tipo de serviço devem estar cientes, antes de tudo, dos riscos que as atividades acarretam, pois o turismo de aventura subentende uma atividade arriscada. Sendo mais exato, o risco é a motivação para o turismo de aventura. Existem outras, que levam o turista a praticar esta modalidade, tais como estar em contato com a natureza e a prática de esportes. Mas, acredita-se que o risco seja a sua principal motivação. Desta forma, assumir um desafio no qual se sabe do perigo e da imprevisibilidade dos resultados é algo realmente contagiante. E mais, vencer esse desafio, superar-se física e psicologicamente é mais fascinante ainda. É essa a fórmula do turismo de aventura: riscos, desafios e imprevisibilidade dos resultados e expectativa de sucesso.

Porém, a busca pelo risco, não significa imprudência e falta de cuidados com a atividade. O planejamento, por conta das operadoras dos esportes de aventura, é fundamental. É necessário encontrar o equilíbrio entre o risco real da atividade e o risco subjetivo, que é aquele percebido pelo praticante. Como se sabe, a expectativa é de que tudo dê certo, é de superação, não de que ocorra algo indesejado, prejudicial ao praticante. Assim, o risco fica por conta da imaginação e da natureza.

1. PROBLEMA

Como as organizações do segmento de Turismo de Aventura que estão sediadas em Lençóis gerenciam os riscos inerentes à sua atividade?

2. JUSTIFICATIVA

Os autores estão estudando o “gerenciamento de riscos no turismo de aventura na Bahia” pelo fato do turismo de aventura ser um segmento em grande expansão em todo o mundo e apresentar características de riscos aos praticantes bastante marcantes que merecem cuidados e meios de gerenciamento para que se possa ofertar um serviço de qualidade.

Os turistas estão ampliando cada vez mais as fronteiras, escolhendo os recantos mais remotos e inóspitos da Terra como destinos turísticos de aventura. E a Bahia é um Estado em crescente desenvolvimento neste segmento, principalmente por possuir uma infinidade de atrativos naturais para a prática das diversas modalidades de turismo de aventura, além de contar com os incentivos governamentais e investimentos de instituições privadas.

O Parque Nacional da Chapada Diamantina, criado em 1985, é um dos mais belos exemplares do ecossistema do Cerrado, possui uma área de aproximadamente 152.000 hectares, localizado no centro do estado da Bahia e abrange os municípios de Lençóis, Mucugê, Palmeiras, Itaitê e Ibicoara. Conhecido como Chapada Diamantina, é uma região de altas planícies margeadas por montanhas. Devido a seu relevo e clima, que influenciam a flora e a fauna, encontram-se, no Parque, campos rupestres, áreas rochosas, matas e capões que fazem o paraíso dos caminhantes e observadores da natureza.

Da Chapada Diamantina, a cidade de Lençóis é a que conta com uma melhor infra-estrutura para absorver a demanda do turismo. Visitam Lençóis cerca de 150.000 turistas por ano, que ficam em média 8 (oito) dias na cidade e gastam em torno de US\$ 50,00 por dia. O que gera na economia lençoense em torno de US\$ 7.500.000,00 por ano. Cifras com tendência de crescimento a cada ano.

A cidade de Lençóis desde 1973 é tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Artístico Nacional) como Patrimônio Nacional. A mesma apresenta um casario colonial muito rico e interessante, com bares, restaurantes e hospedagens, na sua maioria instaladas nesses prédios antigos, o que confere um clima altamente charmoso à cidade.

A Cidade Patrimônio foi considerada, pela terceira vez consecutiva, como um dos 10 melhores destinos turísticos do Brasil, apresentado pelo GUIA QUATRO RODAS – mais importante guia de viagem do Brasil – e eleito o melhor destino ecoturístico do Brasil pelo GUIA 14+ BRASIL TELECOM, do Portal IBest na Internet.

Delimitamos a pesquisa às empresas prestadoras de serviços de turismo de aventura que estão sediadas na cidade de Lençóis. Desta maneira, acreditamos estar trabalhando com o lugar mais representativo, em todos os aspectos (profissionalismo, demanda, infra-estrutura, diversidade, entre outros) do turismo de aventura na Bahia. E, a partir de Lençóis, poderemos estender, futuramente, em próximas pesquisas, para todo o restante da Bahia.

Estamos pesquisando como as empresas prestadoras de serviços de turismo de aventura, que estão sediadas em Lençóis, gerenciam os riscos inerentes às suas atividades, no intuito de conhecer o grau de profissionalização das mesmas com relação à segurança e qualidade desses serviços. A profissionalização dessas empresas com relação ao gerenciamento de riscos constitui fatores fundamentais para a integridade física e moral dos clientes, bem como para a proteção da empresa com relação a perdas financeiras e a sua própria credibilidade no mercado.

O resultado desta pesquisa deve demonstrar como essas empresas gerenciam os riscos decorrentes da atividade que oferecem, ajudando as organizações a conhecerem melhor sua conduta operacional. Desta forma, estas poderão corrigir suas falhas e otimizar suas atividades, transmitindo, assim, uma maior confiabilidade aos seus clientes.

O gerenciamento de riscos aplicado a empresas que trabalham com o turismo de aventura além de ser uma ferramenta de padronização da operação das práticas esportivas, serve também como uma ferramenta de marketing bastante poderosa para atração de clientes potenciais, que por sua vez temem essas atividades de aventura, devido ao conceito estereotipado de perigo das mesmas.

Por fim, esta pesquisa servirá de guia para o desenvolvimento do segmento utilizando padrões e critérios uniformes, tornando cada vez mais esta atividade

promissora e lucrativa para o Estado, para as empresas e principalmente para os consumidores.

3. OBJETIVOS

3.1. GERAL

Identificar como as organizações que estão sediadas em Lençóis e que oferecem serviços de Turismo de Aventura estão gerenciando os riscos inerentes a sua atividade.

3.2. ESPECÍFICOS

- Realizar revisão bibliográfica acerca do tema gerenciamento de riscos no turismo de aventura;
- Aplicar questionário aos gestores de organizações que oferecem serviços de turismo de aventura e estão sediadas em Lençóis, buscando identificar as formas utilizadas pelas mesmas para gerenciar os riscos, e;
- Sintetizar as formas utilizadas pelos gestores de empresas de turismo de aventura para gerenciamento dos riscos.

4. METODOLOGIA

4.1. DELINEAMENTO / ABORDAGEM

O método que caracteriza esta pesquisa é o *post facto*, tendo em vista que o interesse é saber como as organizações lençoenses do segmento de Turismo de Aventura gerenciam os riscos inerentes à sua atividade, através de pesquisa bibliográfica, eletrônica e nas empresas do setor de turismo de aventura que estão sediadas em Lençóis.

A primeira abordagem está relacionada à investigação dos métodos e procedimentos do gerenciamento de riscos ilustrados em livros, revistas, jornais e

artigos relacionados ao turismo de aventura, a riscos, a perigos e a sistemas de gestão de riscos já adotados em outras organizações.

Uma outra abordagem se deu através da pesquisa em sites da Internet e revistas especializadas, para buscar notícias de alguns acidentes e incidentes ocorridos em atividades de turismo e esportes de aventura, no intuito de avaliar os motivos e consequências destes.

A terceira e última abordagem se deu através da aplicação de um questionário¹ a gestores de empresas de turismo de aventura que estão sediadas em Lençóis, o qual relatou os principais métodos e ações utilizadas por essas organizações no combate aos riscos inerentes a suas atividades.

4.2. LOCAL GEOGRÁFICO

A pesquisa foi desenvolvida no Estado da Bahia por considerarmos que o segmento de turismo de aventura está, neste momento, em franco desenvolvimento e com grandes projeções de crescimento.

O Estado da Bahia é dividido, turisticamente, em 10 destinos². Destes selecionamos o que consideramos ser o principal neste segmento: a Chapada Diamantina³, onde a prática do turismo de aventura é mais desenvolvida devido à grande diversidade natural. Buscando focar a pesquisa, delimitamos as empresas prestadoras de serviços de turismo de aventura que tem sede na cidade de Lençóis, pois esta cidade é o centro turístico principal da região.

Desta maneira, acreditamos estar trabalhando com o lugar mais representativo do turismo de aventura na Bahia. E, a partir de Lençóis, poderemos estender, futuramente, em próximas pesquisas, para todo o restante da Bahia.

4.3. POPULAÇÃO / AMOSTRA

A população desta pesquisa é constituída pelas empresas que oferecem serviços de turismo de aventura na Bahia e estão sediadas na cidade de Lençóis, representando

¹ Ver APÊNDICE A.

² Ver ANEXO 1 – Figuras 5 e 6.

³ Ver ANEXO 1 – Figura 7.

um universo de 17 empresas⁴. A partir desses dados, iremos aplicar o questionário em 100% desse universo.

4.4. INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Nesta pesquisa foram utilizados dois métodos: o primeiro é a consulta direta à bibliografia, através de leituras e análises; e o segundo, é a utilização de questionários constituídos basicamente de perguntas abertas e fechadas. A predominância de perguntas fechadas sobre as abertas deve-se ao fato de que as primeiras são mais adequadas ao estudo proposto, pois permite uma maior objetividade e rapidez tanto na pesquisa, quanto na tabulação dos dados.

O questionário constou de 26 itens referentes às práticas do turismo de aventura, relacionadas com incidentes, acidentes, gestão de riscos, planos e procedimentos adotados, capacitação dos colaboradores, tipos de equipamentos, manutenção, entre outras perguntas pertinentes ao estudo desta pesquisa.

4.5. PROCEDIMENTOS

O trabalho de coleta de dados foi realizado, virtualmente, através de formulário eletrônico, hospedado em uma página de Internet⁵ e por telemarketing. As empresas selecionadas para o estudo foram informadas e convidadas para a pesquisa através de telemarketing e e-mail. Porém o método mais eficaz foi o contato direto com os empresários por telefone.

4.6. TRATAMENTO ESTATÍSTICO / ANÁLISE DOS DADOS

A tabulação foi processada digitalmente numa planilha de dados do software da Microsoft Excel. Os resultados das questões abertas foram reunidos em grupos com respostas semelhantes e, foi detalhada em gráficos junto com os demais resultados das questões fechadas.

⁴ Ver ANEXO 2

⁵ Página virtual da pesquisa: <http://paginas.terra.com.br/turismo/tatianacunha/>

5. ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente trabalho foi estruturado em capítulos para melhor compreensão das partes. O capítulo I contém uma introdução ao tema turismo de aventura para situar o leitor, a delimitação do problema, os objetivos geral e específico, a metodologia aplicada ao projeto com o delineamento e abordagem da pesquisa, o local geográfico delimitado, a amostra, os instrumentos de pesquisa, os procedimentos adotados, o tratamento estatístico e a análise dos dados e finalmente a própria estrutura do trabalho. O capítulo II é fundamentação teórica, onde os termos específicos ao projeto são destrinchados e textos pertinentes são apresentados. No capítulo III é feita a apresentação e análise dos dados coletados na pesquisa de campo através de questionário. O capítulo IV é conclusão do projeto.

Além dos capítulos, posteriormente, estão às referências bibliográficas e eletrônicas, os apêndices e os anexos complementando o projeto.

CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para que se possa desenvolver uma total compreensão do problema estudado, é preciso, inicialmente, esclarecer alguns termos específicos que serão mencionados neste projeto. A abordagem desses termos será feita sob uma apreensão isolada e, ao mesmo tempo, inter-relacional, possibilitando assim, uma compreensão sistêmica do problema desta monografia.

Iniciaremos com uma explanação sobre os conceitos da atividade de turismo de aventura, analisando ambos os termos separadamente (turismo e aventura), e o novo sentido que se emprega quando trabalhado em conjunto (turismo de aventura).

Em seguida abordaremos o que se pode chamar de elemento central deste estudo: o risco. O risco é um substantivo que se configura como elemento instigador, isto é, quem causa a necessidade de criação de sistemas, instrumentos e métodos que o gerencie. A partir daí, irão se desencadear os demais conceitos como perigo, segurança e sistema. E, por fim, analisaremos o gerenciamento de riscos como uma ferramenta de planejamento, aplicação e controle no turismo de aventura.

Fundamentalmente, é preciso que o leitor compreenda o significado do turismo de aventura. Analisaremos, em primeira instância o turismo isoladamente. Pelo fato do turismo ser uma atividade muito complexa e multidisciplinar, considerado uma das maiores “indústrias” do mundo e, ainda hoje, possuir diversos conceitos distintos, buscaremos algumas definições de fácil compreensão dentro dos padrões atuais de trabalho.

“Turismo é o complexo de atividades e serviços relacionados aos deslocamentos, transportes, alojamentos, alimentação, circulação de produtos típicos, atividades relacionadas aos movimentos culturais, visitas, lazer e entretenimento. (...) o conjunto de serviços que tem por objetivo o planejamento, a promoção e a execução de viagens, e os serviços de recepção, hospedagem e atendimento aos indivíduos e aos grupos, fora de suas residências habituais”. (ANDRADE, 1998: 38).

Segundo PEARCE (1987: 1) “*turismo pode ser pensado como sendo as inter-relações e fenômenos resultantes de viagens e estadias temporárias de pessoas com o objetivo primordial de lazer ou recreação*”. E para LEIPER (1995: 20) “*turismo pode*

ser definido como as teorias e a prática de viajar e visitar lugares para propósitos relacionados ao lazer”.

Já a OMT – Organização Mundial de Turismo, detém uma visão mais ampla, descrevendo o turismo como *“soma de relações e de serviços resultantes de um câmbio de residência temporário e voluntário motivado por razões alheias a negócios ou profissionais (...) atividades por não mais de um ano consecutivo, por motivo de lazer, negócios e outros propósitos”.* (WTO, 1994; consulte PIGRAM, 1996: 227).

Com essas definições, podemos dizer que o turismo está diretamente ligado ao lazer e entretenimento, a viagens e passeios, convergindo em atividades culturais, sociais, ambientais, ou seja, experiências em todos os sentidos da vida independente do tempo de viagem.

Por sua vez, aventura, do latim “adventura” – segundo FERREIRA (1999: 240) significa *“coisas que estão por vir (...) experiência arriscada, perigosa, incomum, de finalidade ou decorrência incertas (...) acontecimento imprevisto, surpreendente; peripécia (...)”.*

Dessa forma, infere-se que o conceito de aventura significa uma experiência arriscada, onde o personagem está exposto a qualquer acontecimento imprevisto e surpreendente.

“Precisamos ir ao âmago da palavra aventura se quisermos entender o que torna o turismo de aventura distinto e em que pontos ele coincide com outros setores do turismo. O termo ‘aventura’ é evocativo para muitas pessoas – imagem e associações inundam a mente à simples menção da palavra. A imaginação e a emoção indubitavelmente fazem parte da experiência de aventura (...) emoção, adrenalina, entusiasmo, medo, passeio, rusticidade, desafio, novidade, elevação, terror, expedição, inspiração, risco, conquista, sucesso, audácia (...)” (SWARBROOKE, 2003: 7).

Além disso, o turismo de aventura baseado em natureza abarca o uso dos recursos naturais de uma forma rústica e simples. Porém, vale ressaltar que o turismo de aventura é distinto do ecoturismo, que se baseia em recursos naturais que valoriza predominantemente a experiência e o conhecimento da natureza e tem como principal atividade a contemplação da natureza.

Após essas diversas exposições, somos capazes de compreender o conceito de turismo de aventura. Inclusive escolhemos a definição da Embratur⁶ como a idéia atual de Turismo de Aventura:

“Segmento do mercado turístico que promove a prática de atividades de aventura e esporte recreacional, em ambientes naturais e espaços urbanos ao ar livre, que envolvam emoções e riscos controlados, exigindo o uso de técnicas e equipamentos específicos, a adoção de procedimentos para garantir a segurança pessoal e de terceiros e o respeito ao patrimônio ambiental e sócio-cultural”. (EMBRATUR, 2001: 2)

Mas é bom salientar que a palavra aventura possui uma interpretação bastante subjetiva, sendo variável de pessoa para pessoa. Conforme SWARBROOKE (2003: 19) *“a separação das atividades que atendem ou não os requisitos do turismo de aventura é dificultada pela natureza subjetiva da aventura”*. A percepção e a tolerância à aventura são completamente pessoais, isto é, o que para algumas pessoas é um grande desafio, para outras pode representar um simples passeio. Essa característica de particularidade da aventura gera uma questão bastante discutida pelos autores da área: será que tudo que eu pensar ser uma aventura é turismo de aventura? Para SWARBROOKE, ao fazer essa análise, deve-se levar em consideração a oferta da indústria do turismo sob dois aspectos: a análise do ambiente e das atividades praticadas. Se houver a prática de atividade física, esportes, contato com a natureza, contato com outras culturas em ambientes ao ar livre, selva, locais remotos, singulares ou exóticos, ambientes artificiais, aí pode ser considerado turismo de aventura.

Devido a essa dificuldade em conceituar o turismo de aventura, estabelece-se uma importância extra em determinar padrões e classificação de risco para mensuração do nível de dificuldade da atividade esportiva de aventura. Por exemplo, riscos supostos ou reais do contato com felinos, répteis, e outros animais, adicionam um “frisson” às ações. Lançar-se de encontro à natureza, ao desconhecido, é igualmente desafiador e tem como objetivo do turista sentir-se integrado com a mesma. Isso gera a emoção e o grau de risco que caracteriza a aventura.

Na definição das características do turismo de aventura podem-se citar pontos convergentes tais como: desafio; expectativa de recompensas; novidade; estímulo e

⁶ O Instituto Brasileiro de Turismo – Embratur promoveu, através da Diretoria de Economia e Fomento – Departamento de Projetos Especiais, uma oficina de planejamento, no período de 16 a 19 de abril de 2001, com o objetivo de elaborar um Plano de Ação subsidiando a fundamentação de uma Política Nacional de Fomento ao Turismo de Aventura e de conceber a estrutura básica de um Guia Nacional de Turismo de Aventura e de um Manual de Orientação aos Municípios.

entusiasmo; atenção e concentração; exploração e descobertas; perigo e risco; e emoções contrastantes.

Nenhuma dessas qualidades em si representa aventura se tomada separadamente. No entanto, quando todas estão presentes, acredita-se que a aventura está garantida.

Assim, estaremos no decorrer deste trabalho avaliando, principalmente, o fator risco, que é freqüentemente identificado como um dos traços determinantes da aventura. Risco, segundo FERREIRA (1999: 1772) significa “(...) *perigo ou possibilidade de perigo (...) possibilidade de perda ou responsabilidade pelo dano (...)*”, ou ainda segundo LAROUSSE (1995: 5072) o termo risco significa “(...) *acontecimento eventual, incerto, cuja ocorrência não depende da vontade dos interessados (...)*”.

É necessário definir também a palavra perigo que está intimamente ligada ao risco, empregada por FERREIRA (1999: 1545) na conceituação de risco, a qual para ele é “(...) *circunstância que prenuncia um mal para alguém ou para alguma coisa (...)*”. E tal qual LAROUSSE (1995: 4551) perigo é “(...) *estado, situação de uma pessoa que corre grandes riscos (...) situação que inspira cuidado (...)*”.

Verifica-se que o risco está intrinsecamente ligado ao perigo e vice-versa. Além disso, o perigo e o risco possuem significados negativos associados ao mal, no sentido de causar prejuízo a algo ou a alguém. Apesar de que, parafraseando AMIR KLINK “*risco é a chance de dar certo, não a chance de dar errado*”, ou seja, de maneira otimista ele conceitua o risco como a probabilidade de um fenômeno dar certo. Matematicamente, o risco sempre terá dois resultados, isto é, se houver 50% de chance de alguma coisa se realizar, haverá também 50% de chance dela não se realizar.

Nós adotaremos o conceito de que o risco é a probabilidade de algo negativo se manifestar, seja causando prejuízo (ou não) a alguém ou a algo. Percebemos que o risco analisado sob uma visão pessimista é a melhor abordagem para um bom gerenciamento de riscos, pois este se baseia na minimização da probabilidade de algo ruim acontecer.

Vimos, na descrição da Embratur sobre turismo de aventura, uma expressão que está super-relacionada com o contexto do gerenciamento de riscos no turismo de aventura: *segurança pessoal e de terceiros*. CARDELLA (1999: 30) traz uma abordagem da relação do risco com a segurança de uma forma bastante focada no gerenciamento de riscos nas organizações. Diz que “(...) *o risco bruto é o risco associado às atividades da organização na ausência da Função Segurança*”. E o risco líquido é o “(...) *balanço de forças entre a Função Segurança e o risco bruto*”. Ainda, define o que ele chama de Função Segurança como “(...) *o conjunto das ações que têm*

por finalidade reduzir a frequência e a intensidade da manifestação dos perigos". O autor possui uma visão holística, atualmente bastante abordada, sobre o conceito de segurança. *"Segurança é uma variável de estado dos sistemas vivos, organizações, comunidades, sociedades (...)".*

"Quanto maior a segurança, menor a probabilidade de ocorrência de danos ao homem, ao meio ambiente e ao patrimônio. Sua natureza multifacetada envolve fenômenos físicos, biológicos, psicológicos, culturais e sociais. Os acidentes resultam de interações complexas entre elementos dos sistemas. Portanto, a segurança requer uma abordagem holística. Embora nenhuma abordagem seja perfeitamente holística, procuramos nos aproximar dela por meio de um modelo composto por uma base filosófica, um núcleo conceitual e um conjunto de instrumentos". (CARDELLA, 1999:26)

Percebemos que CARDELLA consegue expressar uma visão de segurança perfeitamente moldada às práticas do turismo de aventura, já que é realizado na natureza ou ao ar livre (fenômenos físicos e biológicos), envolve emoções (fenômenos biológicos e psicológicos) e interações do turista com a cultura e sociedade locais (fenômenos culturais e sociais). Desta forma, a natureza multifacetada que CARDELLA aborda é comprovada totalmente numa atividade de aventura.

Um gerenciamento de risco para ser eficiente, deve, portanto, apresentar uma abrangência sistêmica para prever todos estes fatores condicionantes à concretização de algo ruim. Conforme CARDELLA (1999: 69) o Gerenciamento de riscos *"(...) é um conjunto de instrumentos que a organização utiliza para planejar, operar e controlar suas atividades (...)".* Trata-se, portanto, de uma análise sistemática e objetiva de identificação e controle de eventos indesejáveis em potencial. De forma análoga, PEDRO CAVALCANTI, da *"Adventure Factory"*⁷, conceitua o Gerenciamento de risco como *"uma atividade destinada a prevenir, minimizar e corrigir perdas"*.

"O objetivo do Gerenciamento de riscos é manter os riscos associados à organização abaixo de valores tolerados (...)", complementa CARDELLA (1999: 70).

Mas, é importante salientar, segundo CARDELLA (1999: 30), que *"(...) o risco jamais é eliminado completamente e há sempre um risco líquido residual (...) por isso, a organização deve estabelecer o risco tolerado para definir ações de controle"*. Em convergência com esta abordagem está CLOUTIER (2000) que diz que gerenciamento

⁷ Adventure Factory é uma empresa de Consultoria e Treinamento que trabalha com Gerenciamento de Riscos e Segurança

de risco “*é simplesmente uma questão de gerenciar ou otimizar o risco*” e jamais suprimi-lo por completo.

O gerenciamento de risco no turismo de aventura entra em total concordância com essas idéias, pois possui um aspecto bastante particular que é a motivação do turista, principalmente ligada à procura pelo perigo e pelo desafio. Dessa forma, se todos os riscos envolvidos na atividade fossem eliminados (o que não é possível), haveria uma grande contradição, já que estes são os principais impulsionadores da atividade do turismo de aventura. Dessa forma, o gerenciamento de riscos no turismo de aventura deve buscar um ponto de equilíbrio entre o risco subjetivo que é aquele percebido pelo cliente e o risco objetivo que se refere ao risco real da atividade. Uma passagem de AMIR KLINK (2000) traduz bem o fator risco como motivação para o turismo de aventura: “*Um projeto que não tem risco, em que o resultado final já é certo, seguro, não traz nenhuma gratificação adicional, nenhuma conquista*”.

De fato, o gerenciamento de risco em toda a indústria do turismo é da maior importância, uma vez que o “*volume cada vez maior de atividades turísticas globais se associou à atratividade dos destinos exóticos de alto risco para expor os turistas a níveis maiores de risco*”, segundo a pesquisa de FAULKNER (2001). Portanto, uma análise genérica e sistêmica de todos os fatores que envolvem a atividade do turismo de aventura, como o ambiente, equipamentos, pessoal e perfil do turista são fundamentais para que se minimizem os riscos e se ofereça um serviço de qualidade.

E para garantir a qualidade dos serviços, uma empresa de turismo de aventura deve encarar o gerenciamento de risco como premissa fundamental no seu desenvolvimento, principalmente porque este envolve a proteção dos bens e dos lucros de uma empresa. Uma frase de FAULKNER (2001:171) diz que “*(...) poucas organizações de turismo no nível da empresa ou do destino desenvolveram devidamente estratégias de desastre como parte integrante dos seus planos de negócios*”. Faz-se necessário ter uma abordagem do gerenciamento de riscos na forma de um plano estratégico.

HOLLMAN e FORREST (1991) desenvolveram um modelo que traz um processo de cinco estágios englobando a descoberta da exposição às perdas, a avaliação da exposição às perdas, as técnicas operacionais, a implementação de estratégia e o monitoramento.

Segundo SWARBROOKE (2003:171), essas estratégias de gerenciamento de risco são divididas em duas categorias mais amplas: as técnicas operacionais que

reduzem as exposições às perdas; e as técnicas de financiamento. As primeiras estão intrinsecamente relacionadas com a atividade desenvolvida. Por exemplo, o uso de equipamentos deve estar associado a um plano de manutenção periódica, assegurando vida útil aos mesmos. Da mesma forma, as técnicas de financiamento são destinadas a minimizar os efeitos das perdas nos negócios como, por exemplo, a transferência das consequências financeiras das perdas a uma seguradora.

O Ministério do Turismo da República Federativa do Brasil produziu um Manual de Criação e Organização de Grupos Voluntários de Busca e Salvamento de Turismo de Aventura – GVBS⁸, o qual possui um capítulo especialmente voltado para o gerenciamento de risco.

“O MTur, por compreender que o risco é uma característica inerente à atividade de turismo de aventura e por acreditar que as iniciativas de normalização e certificação vão induzir o desenvolvimento do segmento, impactando positivamente os fluxos turísticos, entendeu que é necessário o desenvolvimento paralelo de ações que contribuam para o fortalecimento dos sistemas de segurança que apóiam as atividades de turismo de aventura no país”. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2005:19)

Segundo o Manual GVBS (2005:25), *“O processo de gerenciamento de riscos é de grande valia (...) pois é uma ferramenta que facilitará a identificação e análise de riscos (...) perigos aos quais turistas / praticantes estarão mais expostos (...)”*. Esse documento sugere, ainda, algumas etapas para o desenvolvimento do PGR - Plano de Gerenciamento de Riscos: estruturação; identificação de riscos; qualificação de riscos; quantificação de riscos; planejamento de respostas a riscos; e monitoração e controle de riscos.

É considerado como parte fundamental de todo o processo a identificação e análise dos riscos:

“Identificação de riscos é uma maneira sistemática e organizada de se ‘achar’ os riscos reais associados a uma atividade ou locais. É importante procurar por todos os riscos imagináveis. Existem diferentes ferramentas usadas para tal processo, entre as mais comuns estão a análise de estatísticas (histórico de acidentes), entrevistas com turistas e operadores, brain-storming e visita e análise da área utilizando-se um formulário”. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2005:24)

“Análise de riscos é o processo seguinte, que se preocupará em estudar principalmente duas características do risco identificado: a

⁸ Vide ANEXO 3

probabilidade e a consequência de sua ocorrência. Apenas depois de realizada a análise, será tomada a decisão de se desenvolver ou não medidas de controle para um determinado risco". (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2005:31)

Após as etapas de identificação e análise, determinam-se as medidas preventivas a serem tomadas, bem como, as ações de resposta à emergência. Essas medidas estão divididas em quatro soluções: eliminação do risco; redução da probabilidade; absorção do risco; transferência do risco.

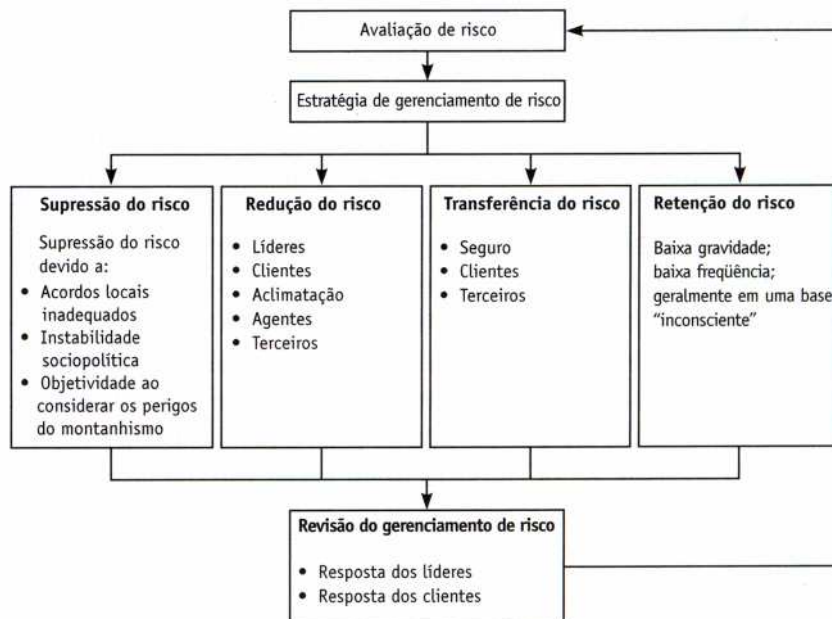


Figura 1 – Modelo de gerenciamento de risco no turismo de aventura em montanha (baseado no *British Mountaineering Council*).

Este modelo baseado exibido na figura acima surgiu da iniciativa de HIBBERT em 2001, quando conduziu uma pesquisa no setor de turismo de aventura nas montanhas, na tentativa de descobrir o processo de gerenciamento de risco na prática. Foram realizadas diversas entrevistas com operadores de viagem por ele, que também consultou as opiniões do organismo governamental de montanhismo britânico, o British Mountaineering Council.

Um outro modelo de gerenciamento de riscos, definido por BROWN (1999), enfatiza:

"(...) a necessidade de um plano de gerenciamento de incidente crítico, que trataria das necessidades e deveres dos funcionários, protocolos de comunicação, procedimentos de primeiros socorros e resgate, políticas de evacuação e procedimentos para o gerenciamento de fatalidades". (BROWN, 1999 apud SWARBROOKE, 2000:174)

O próprio BROWN (1999) define o modelo REACT (do inglês *recognition, evaluation, adjustment, choice e tracking*), conforme a figura 2 abaixo, que trata das fases de reconhecimento, avaliação, ajuste, escolha e acompanhamento.

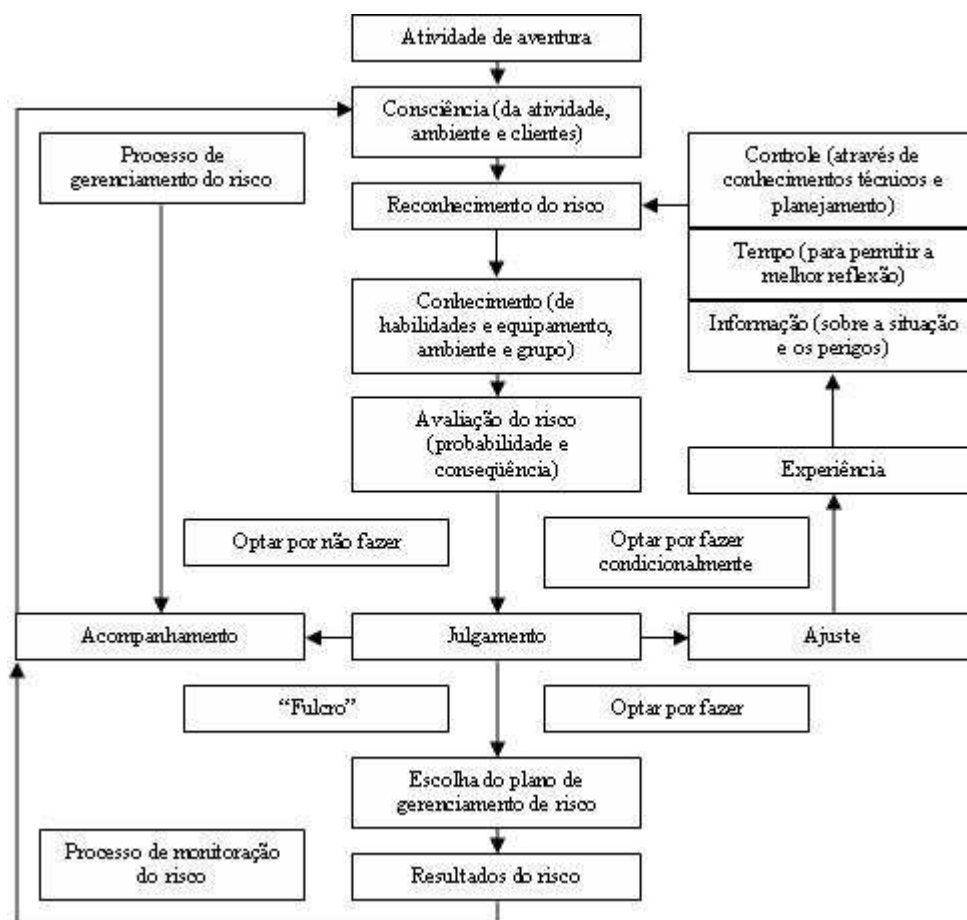


Figura 2 – Modelo REACT para gerenciamento de risco em aventura

PRIET e GASS (1997) apud SWARBROOKE (2003:173) apresentam o modelo da tabela 1 contendo alguns procedimentos para analisar os perigos:

Tabela 1 - Procedimentos para analisar os perigos

Etapas	Explicação
1. Planejar com antecedência	Reconhecer que os acidentes acontecem. Planejar.
2. Identificar os perigos	Estar continuamente consciente das situações e condições de perigo.
3. Apontar potenciais perigos	Garantir que todos os membros do grupo estejam a par da existência de perigos tão logo sejam identificados.
4. Quando for o caso, remover elementos que contribuem para as situações perigosas	Se a advertência não for suficiente para dar conta do perigo, remova-a contanto que isso não aumente o risco.
5. Evitar situações perigosas	Se possível, mudar as atividades planejadas ou a rota para alternativa mais segura.
6. Identificar e classificar as situações perigosas	Quais são os perigos e ameaças? De que maneira as ameaças podem ser minimizadas?
7. Avaliar o risco e redefinir o perigo	Os perigos são ambientais ou humanos?
8. Avaliar as perdas potenciais	Quanto são os perigos e qual é a sua intensidade?
9. Minimizar as perdas	Adotar um curso de ação que mantenha o resultado do acidente como aceitável e recuperável na medida do possível.
10. Fazer os devidos ajustes	Adotar medidas planejadas contra acidentes.

Fonte: SWARBROOKE, 2003.

Por sua vez, WILKS e DAVIS (2000) apontam uma matriz de avaliação de risco (figura 3), onde são identificadas quatro estratégias de gerenciamento de risco, empregadas de forma similar por PRIET e GRASS:

“(...) a retenção do risco (suposição ou aceitação de perda pelo operador); a transferência do risco (uso de um seguro para cobrir acidentes infreqüentes, porém potencialmente dispendiosos); a redução do risco (adoção da ‘melhor prática’ para manter a probabilidade de acidentes no menor patamar possível); e a supressão do risco (atingida pela eliminação de todas as atividades excessivamente arriscadas da carteira de produtos da operadora)”. (WILKS e DAVIS, 2000:595 apud SWARBROOKE, 2000:172)

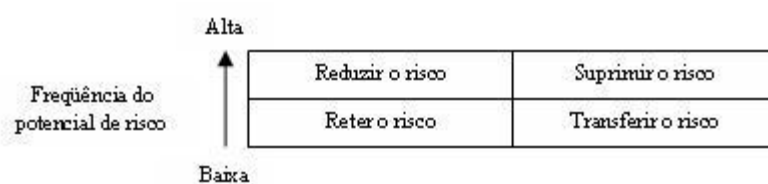


Figura 3 - Matriz de avaliação do risco (WILKS e DAVIS, 2000:595)

Percebe-se, diante de todos esses modelos, que o processo de gerenciamento de riscos utiliza bases semelhantes. Ou seja, há uma convergência de idéias em torno de um modelo: planejar / estruturar; identificar; analisar; definir ações de resposta; e monitorar.

Apesar de todo o planejamento e medidas preventivas adotadas, é possível ocorrer uma falha no sistema. De acordo com CARDELLA (1999:184) *“as falhas são fatores de risco e na quase totalidade dos casos de acidentes os acidentes ocorrem devido a algum tipo de falha”*. Por isso, a fase de monitoração é tão importante quanto às demais para fechar o círculo do gerenciamento de riscos. É nessa fase que se deve buscar analisar e detectar as falhas. *“O sistema de controle de falhas é um subsistema do sistema de controle de riscos”*, complementa CARDELLA.

A análise de falhas pode ser feita em dois momentos distintos, tal qual CARDELLA (1999:184): uma após as emergências e a outra durante as emergências. Realizar após, significa descrever as falhas, identificar as causas e analisar as ações de resposta adotadas, se tiveram eficiência e se foram eficazes. Já a análise concomitante com a emergência é decorrente do processo em continuidade, isto é, as falhas ainda estão acontecendo e precisam ser solucionadas. Este processo exige conhecimento, treinamento e bom desempenho do profissional envolvido na análise e solução do problema.

O aspecto humano é muito relevante no gerenciamento de riscos. Geralmente, as falhas sempre são de origem humana e acontecem por motivos técnicos, de descuido, ou até mesmo ocorrem conscientemente. Destes motivos, a falha consciente merece mais destaque, pois é “(...) *provocada pela adoção de procedimentos alternativos que envolvem maiores riscos que o procedimento-padrão*” (CARDELLA, 1999:191).

“Os procedimentos alternativos visam atingir outras metas ou interesses como custo, prazo, produtividade, qualidade, conforto ou status. A pessoa conhece o procedimento seguro, estabelecido como padrão e desvia-se dele, não por descuido, mas por decisão consciente”. (CARDELLA, 1999:191).

Tem ocorrido, ultimamente, um número muito grande de acidentes relacionados com o turismo de aventura. Em quase todos os casos a origem foi falha humana. Seja devido ao desconhecimento de procedimentos corretos, redução de concentração causada pela fadiga, descuidos, excesso de confiança, pressa de voltar para casa próximo do final da atividade, mudanças climáticas e mesmos os problemas técnicos com equipamentos que ocorreram devido à falta de manutenção, o que não deixa de ser negligência humana.

“Quando o componente de um sistema executa inadequadamente uma função ou deixa de executá-la dizemos que esse componente falha (...) pode ser um homem ou um equipamento (...) as falhas por descuido podem nos levar a encarar o homem como um perigo para os sistemas, instalações, processos e para seus próprios semelhantes (...) ele erra mais que as máquinas (...) executa a tarefa de muitas maneiras diferentes. Entretanto, somente algumas são seguras (...) as máquinas executam tarefas de poucas maneiras (...) por isso é fácil ajustá-las para fazer de forma segura”. (CARDELLA 1999:188)

É muito difícil encontrar falhas em equipamentos, visto que são produzidos industrialmente, após inúmeras pesquisas científicas que comprovam o padrão de qualidade e os limites mínimos de segurança. Por exemplo, as cordas de rappel são superdimensionadas para suportar mais de 20 vezes o peso de uma pessoa. Os fabricantes⁹ realizam testes de segurança em todos os materiais produzidos. A tecnologia evolui a certo estágio que garante um nível de segurança muito grande. Contudo, ainda assim, a falha humana é um risco inerente às atividades.

Antes mesmo do risco se concretizar, mas pensando nessa possibilidade, deve-se ter desenvolvido um PGC – Plano de Gerenciamento de Crise, evitando tratar a emergência de maneira improvisada, com o “sangue quente”. É preciso alinhar o

⁹ Ver ANEXO 4.

conhecimento de toda a equipe antecipadamente para que todos saibam como agir no momento da crise. SWARBROOKE levanta algumas questões:

“(...) quem informará a família e de que maneira; se a imprensa deverá ser informada e, em caso afirmativo, o que será dito e quem será destacado para dizê-lo; como as autoridades serão *informadas* do evento e por quem; se a viagem deve continuar ou ser imediatamente interrompida para todos os participantes; e de que maneira deverá ocorrer a comunicação para os companheiros de viagem e que aconselhamento deverá ser disponibilizado a eles”.
(SWARBROOKE, 2001:183)

“Para muitos turistas de aventura, o fato de lidar com as crises reais ou potenciais faz a viagem ficar mais divertida. Por outro lado, deixar as crises sem solução pode (...) arruinar a viagem ou acarretar conseqüências ainda mais trágicas”, complementa SWARBROOKE (2001:184).

Diante de tudo o que foi evidenciado, percebe-se o gerenciamento de riscos como um processo contínuo e cíclico, que deve se repetir sempre, constantemente. Tal qual o Manual GVBS (2005:31), *“Novos riscos estão sempre aparecendo”*.

A responsabilidade civil é outro fator de extrema importância. Quando se oferta serviços que colocam a vida de pessoas em risco, é preciso conhecer *“o grau de responsabilidade legal ou obrigação que as pessoas ou programadores têm em reparar danos (geralmente dinheiro) por ferimentos aos participantes”* (PRIEST e GASS, 1997:124 apud SWARBROOKE, 2001:174).

Os acidentes que eventualmente ocorrem no setor de turismo de aventura, nem sempre constituem objetos de demanda judicial e quando ajuizados poucos já têm uma situação definitiva. Geralmente, a infração da negligência é a mais aplicável, como cita VAN DER SMISSEN (1990) apud SWARBROOKE (2001: 174) *“quebra não-intencional do dever legal causando dano razoavelmente previsível que não teria ocorrido sem tal quebra”*.

O Gerenciamento de Riscos no Turismo deve ser uma prática utilizada por todas as empresas que participam da atividade turística, pois a não observância desta acarreta, em muitos casos, problemas de ordem legal que poderiam ser evitados.

“(...) os fornecedores podem evitar processos por danos através da adoção de várias medidas. Uma das medidas tem por objetivo evitar o acidente em si através da adoção de procedimentos de segurança adequados. Isso funcionaria como uma boa defesa no caso de um processo, ilustrando aos jurados que a operação foi conduzida de forma profissional. Outra defesa é inteirar os clientes por completo

dos riscos potenciais e da possibilidade de acidentes na atividade da aventura (...)” (SWARBROOKE, 2001:174)

Os problemas legais são divididos em duas esferas: a Civil, que hoje é amplamente amparada pelo Código de Defesa do Consumidor – CDC.; e, a Penal, amparada pelo Código Penal Brasileiro.

Na esfera civil, o CDC descreve os principais direitos do consumidor aplicáveis ao serviço prestado na atividade do turismo de aventura, assim como a efetiva prevenção e reparação de danos patrimoniais e morais, individuais, coletivos e difusos.

“(...) Art. 6º São direitos básicos do consumidor: I – a proteção da vida, saúde e segurança contra os riscos provocados por práticas no fornecimento de produtos e serviços considerados perigosos ou nocivos; (...) III – a informação adequada e clara sobre os diferentes produtos e serviços, com especificação correta de quantidade, características, composição, qualidade e preço, bem como os riscos que apresentem; (...) IV – a proteção contra a publicidade enganosa e abusiva, métodos comerciais coercitivos ou desleais, bem como contra práticas e cláusulas abusivas ou impostas no fornecimento de produtos e serviços; (...) VI – a efetiva prevenção e reparação de danos patrimoniais e morais, individuais, coletivos e difusos (...)” (CDC., Lei 8.078/1990)

A responsabilidade legal atribuída ao caso do turismo de aventura pode ser compartilhada, como é descrito no parágrafo único do Art. 7º do Código de Defesa do Consumidor: “(...) *tendo mais de um autor a ofensa, todos responderão solidariamente pela reparação dos danos previstos nas normas de consumo (...)*”. Já na esfera Penal, dois conceitos básicos devem ser amplamente compreendidos e estão previstos no Art. 18º do Código Penal Brasileiro: “Art. 18 - Diz-se o crime: I – *doloso: quando o agente quis o resultado ou assumiu o risco de produzi-lo*; II – *culposo: quando o agente deu causa ao resultado por imprudência, negligência ou imperícia (...)*”.

Uma questão relevante que deve ser observada é sobre quem pode ser responsabilizado penalmente no caso da prática do crime. Via de regra, a legislação penal prevê que apenas a pessoa física poderá ser responsabilizada penalmente pela prática do crime, já que sua ocorrência depende da conduta humana e, nos casos de crimes dolosos, da vontade do agente. A tendência predominante no Judiciário ainda é responsabilizar quem diretamente praticou o crime, principalmente quando se tratar de crimes contra a pessoa, como homicídio, lesão corporal, omissão de socorro, entre outros. Assim, no caso de um acidente que leve a morte algum turista, a responsabilidade penal pelo evento recairá sobre a pessoa diretamente responsável pela segurança do turista, por exemplo, numa trilha, o guia; num passeio a cavalo, o monitor

e assim por diante. Mas há casos em que proprietários e gerentes das empresas, também são responsabilizados criminalmente por acidentes.

Os líderes de uma atividade de turismo de aventura têm o poder de influenciar o grupo de turistas a vivenciarem experiências mais arriscadas, ou não. Eles podem promover os riscos ou menosprezá-los, de acordo com o desejo dos clientes, transformando a percepção dos mesmos e garantindo-lhes a satisfação de terem vivido uma grande aventura.

Independente de qualquer risco, o profissional da área de turismo, responsável pela segurança e integridade física das pessoas que conduz, hospeda, guia, monitora, etc., deve estar atento para não cometer nenhum ato de infração, bem como que sua conduta não se enquadre em algum tipo de crime previsto pela legislação.

Para que o turismo de aventura seja fornecido de forma satisfatória, cabe ao fornecedor oferecer equipamento adequado e em perfeito estado de conservação, assim como, funcionários qualificados para execução de seus serviços.

Por outro lado, o turista deve cumprir as obrigações exigidas pelo fornecedor do serviço, tanto no que diz respeito à correta prática dos esportes como ao uso adequado dos equipamentos obrigatórios. Além disso, o condicionamento físico é essencial e o turista deve ser capaz de praticar as atividades a que se predispõe.

Diante disso, espera-se uma “harmonização” entre risco (fator motivador do turista / consumidor) e as responsabilidades daqueles que oferecem o turismo de aventura (empresa / fornecedor).

Como exemplo da ingerência de riscos no turismo, podemos estar citando o caso¹⁰ da Praia do Forte Eco Resort, que negligenciando alguns princípios básicos de segurança aos hóspedes, deixou uma área que se encontrava em manutenção (mas sem nenhum tipo de isolamento ou identificação de perigo) ao acaso. Na área da piscina infantil, mais precisamente a cerca de meio-metro da borda da piscina encontrava-se um fio desencapado, o qual um menino de sete anos, enquanto nadava, colocou a mão e foi eletrocutado. A criança foi levada à enfermaria, mas morreu após o atendimento médico, segundo o *website* da ASSOCIAÇÃO FÉRIAS VIVAS¹¹ apud o JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO (2000). Este é apenas um dos vários casos de acidentes e incidentes que ocorrem na atividade turística, talvez pelo despreparo ou até mesmo pela

¹⁰ Vide ANEXO 5 - Outros relatos de acidentes e incidentes.

¹¹ A Associação Férias Vivas é uma instituição que luta para minimizar a ocorrência de acidentes no turismo e lazer. Defende o turismo e a recreação consciente e segura, disseminando uma cultura de prevenção de acidentes através da implantação de padrões de segurança.

negligência com que a atividade está sendo conduzida. Abaixo estão descritos dois casos de acidentes que ocorrem na Chapada Diamantina.

“A turista alemã Friederike sofreu de insolação durante uma caminhada para a Cachoeira da Fumaça na Chapada Diamantina. A turista, acompanhada por quatro amigos e um guia iniciaram a caminhada de 36 km, conhecida como “Fumaça de Baixo”. Esse passeio é feito durante 3 dias, em média, partindo de Lençóis. Após o mal súbito da turista, o guia voltou ao ponto de partida, entrando em contato com o Corpo de Bombeiros que mandou para o local 8 homens da corporação. A turista foi medicada pelos bombeiros que solicitaram o helicóptero da Casa Militar de Salvador para auxiliar no resgate”. (FÉRIAS VIVAS, 2003)

“A fisioterapeuta gaúcha Débora Kasem Menim, 23 anos, morreu quando praticava rappel na Cachoeira da Fumaça, situada no município de Palmeira, na Chapada Diamantina (BA). Débora se acidentou quando tentava descer a cachoeira, uma das mais altas do Brasil, com a técnica do rappel, que utiliza várias cordas de segurança. Ela estava com o namorado, dois instrutores e amigos que moram em Salvador. Segundo os bombeiros, o acidente não deve ter sido provocado por falha de equipamento”. (FÉRIAS VIVAS, 2001)

Qualquer negligência por parte da empresa pode gerar conseqüências negativas. E estas levam a: perda de reputação e da confiança do cliente; perda de clientes; perda de dinheiro por causa do pagamento de indenizações e perda de clientes; e perda de equipe como resultado de ações disciplinares e / ou perda de clientes.

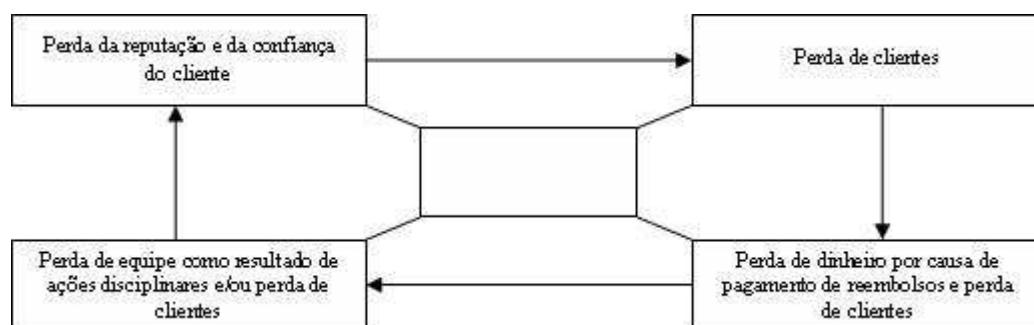


Figura 4 – Conseqüências negativas da gestão inadequada do risco

Por esses e outros motivos, o Ministério do Turismo está promovendo o Projeto de Normalização e Certificação em Turismo de Aventura no intuito de profissionalizar o segmento no Brasil. Sabe-se que ainda existem grandes deficiências, como a pouca qualificação dos operadores, uma grande variedade de equipamentos não homologados, critérios e procedimentos técnicos distintos, entre diversas outras.

“Com base neste pressuposto, o Ministério do Turismo envia esforços para a construção do Sistema Brasileiro de Certificação em Turismo de Aventura, os quais passam pela certificação de condutores, de sistema de gestão da segurança e de informações

mínimas necessárias ao cliente, com vistas a transformar o cenário da operação do turismo de aventura no Brasil com a sua profissionalização, criando um ambiente para a sua inserção no mercado internacional”. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2005:5)

CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS

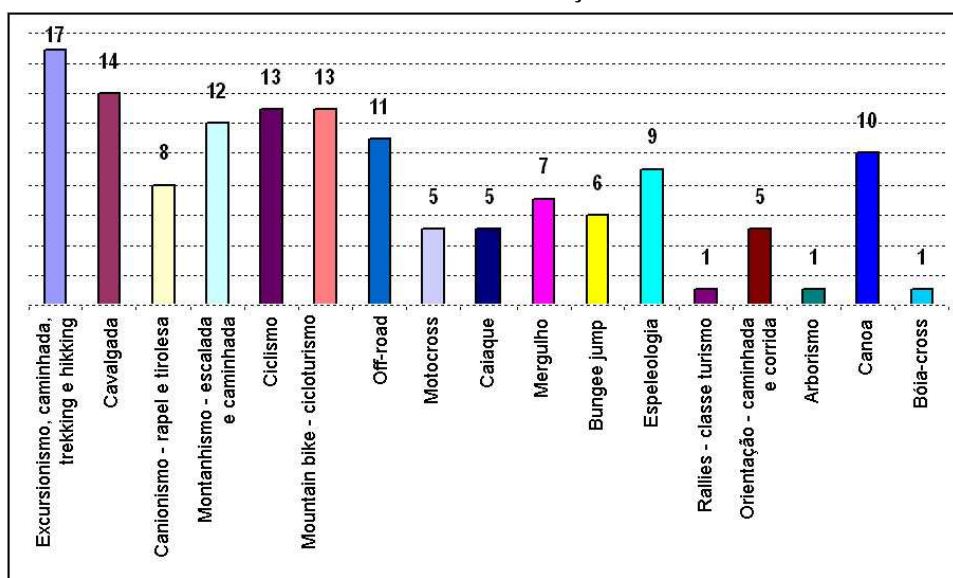
O questionário foi aplicado nas empresas prestadoras de serviços de turismo de aventura que estão sediadas na cidade de Lençóis. O mesmo foi elaborado com o intuito de conhecer a forma que essas empresas gerenciam os riscos inerentes às suas atividades, buscando conhecer o grau de profissionalização com relação à segurança e qualidade desses serviços.

Nos 26 itens do questionário foram perguntadas questões referentes às atividades oferecidas, aos planos e procedimentos adotados, relacionados com incidentes, acidentes, gestão de riscos, capacitação dos colaboradores, tipos de equipamentos, manutenção, entre outras perguntas pertinentes ao estudo desta pesquisa.

Para demonstrar os resultados da pesquisa iremos analisar cada item, e apresentar o resultado encontrado.

A primeira questão procura conhecer as atividades oferecidas pelas empresas estudadas e teve como base as principais modalidades de turismo de aventura¹². As respostas obtidas estão representadas no gráfico abaixo.

Gráfico 1 - Atividades oferecidas pelas empresas prestadoras de serviço de turismo de aventura em Lençóis



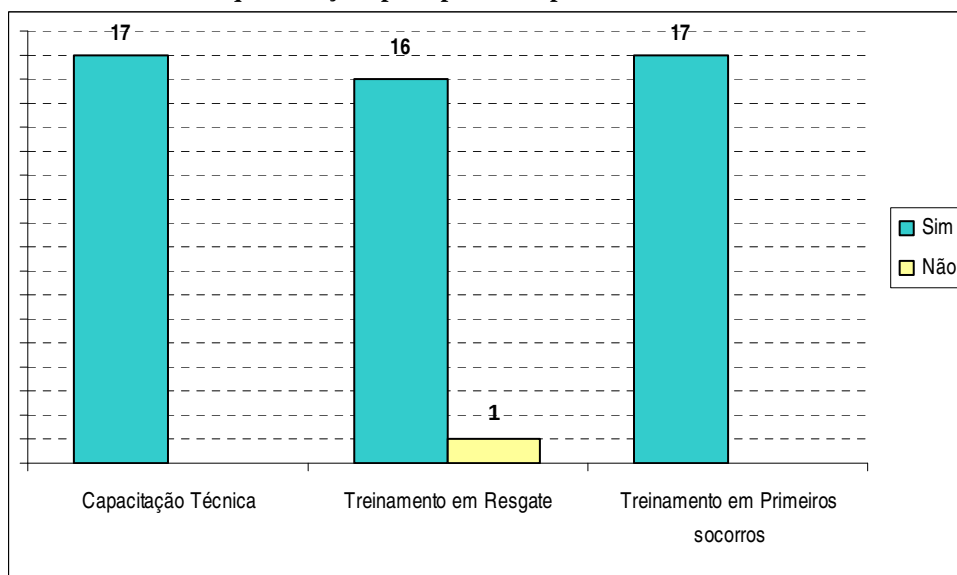
Fonte: Elaboração própria, 2005.

As questões dois, três e quatro buscam conhecer a qualificação técnica e a capacidade dos guias e monitores de prestar o pronto-socorro em casos de acidentes. O

¹² Ver ANEXO III

gráfico a seguir mostra que os profissionais dispõem desses requisitos, porém apenas uma empresa disse que os seus guias não tinham treinamento em resgate e, inclusive, relatou que essa era uma necessidade.

Gráfico 2 – Os guias e monitores das empresas de Lençóis possuem quais qualificações para prestar o pronto socorro?



Fonte: Elaboração própria, 2005.

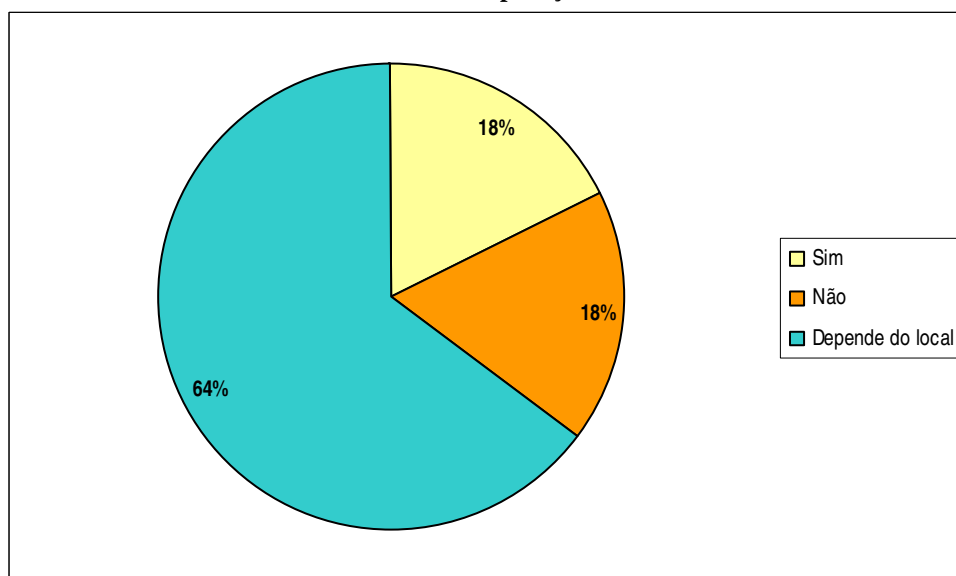
A quinta questão procura saber se os guias e monitores levam consigo, durante as atividades, suprimento de primeiros socorros. Já à sexta questão quer saber se os equipamentos utilizados durante as atividades são certificados. Esses dois questionamentos são fundamentais para identificar se existe uma preocupação das empresas prestadoras de serviços com a segurança dos seus usuários e funcionários durante as atividades. A pesquisa demonstrou que 100% destas empresas responderam que utilizam suprimentos de primeiros socorros e equipamentos certificados. Há uma grande dúvida relacionada ao uso de equipamentos nacionais, por exemplo, que até a alguns anos não possuíam certificações internacionais. Contudo, a tecnologia brasileira já evolui a ponto de terem fabricantes homologados por organizações mundiais, como a UIAA¹³. Isso favorece a prática correta dos esportes de aventura, uma vez que os equipamentos importados são mais caros devido ao câmbio.

A sétima questão indaga se as empresas que oferecem serviços de turismo de aventura utilizam algum meio de comunicação entre a base e o local de operação e a oitava complementa a sétima perguntando qual o sistema utilizado. Essa pergunta é importante, pois durante as atividades, geralmente realizadas distantes do centro da

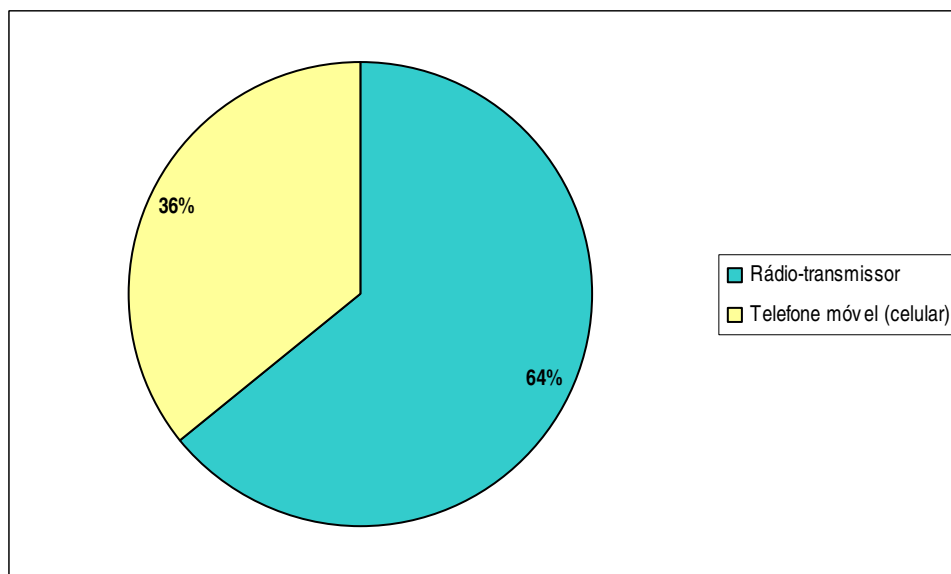
¹³ UIAA – União Internacional das Associações de Alpinismo.

cidade e em áreas de difícil acesso, ocorrendo uma emergência o socorro pode ser providenciado de forma rápida. Como podemos observar no gráfico 3, a comunicação entre a base e o local de operação não é fácil, essa é uma dificuldade que ocorre devido às características geográficas da região: são muitos morros e vales, com desníveis acentuados, que prejudicam a comunicação, além da falta de antenas de repetidoras, que possam retransmitir os sinais em locais estratégicos. Os sistemas utilizados são o celular (36% das empresas) e o rádio-transmissor (64% das empresas), como observado no gráfico 4, e mesmo esses só funcionam em alguns locais próximos da cidade de Lençóis. Essa é uma problemática que não depende apenas da iniciativa privada, uma vez que é muito caro investir em estações repetidoras de sinais de rádio. O poder público deve ser parceiro nesta ação, fomentando, até mesmo, a instalação de uma base de controle e resgate em locais estratégicos, garantindo a comunicação e estabelecendo procedimentos adequados para as emergências.

Gráfico 3 - As empresas utilizam algum sistema de comunicação entre a base e o local de operação?

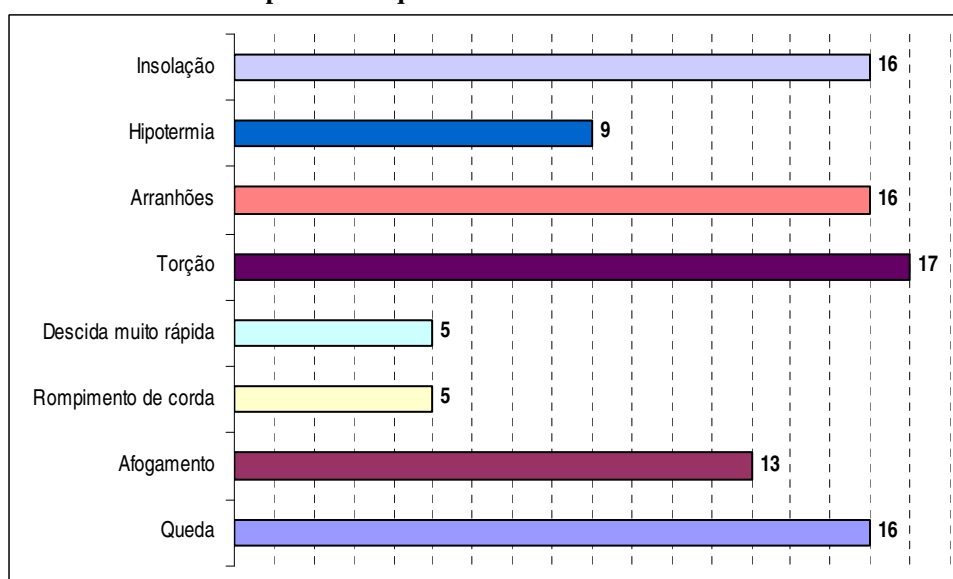


Fonte: Elaboração própria, 2005.

Gráfico 4 - Sistema de comunicação utilizado entre a base e local de operação

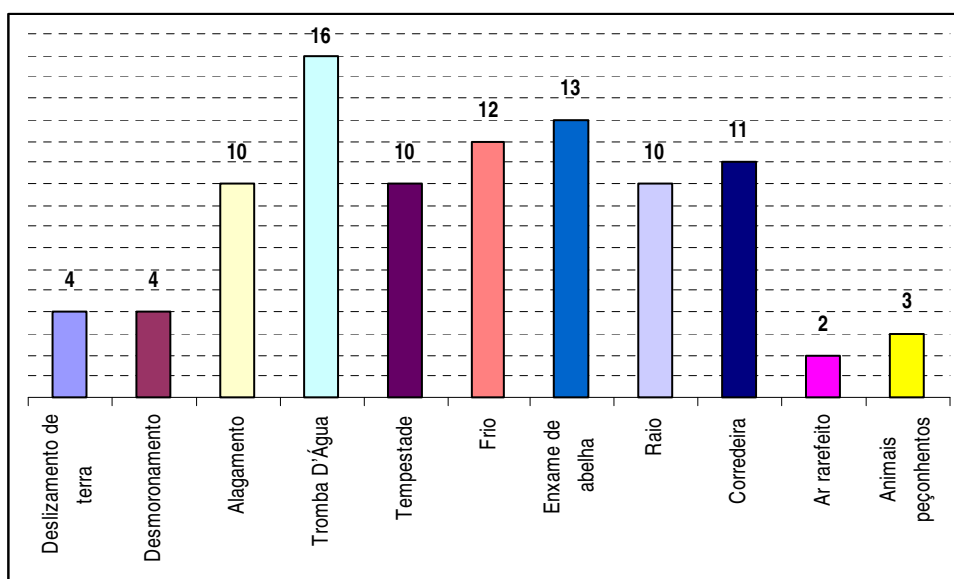
Fonte: Elaboração própria, 2005.

As questões nove e dez perguntam, respectivamente, quais os principais riscos que a atividade e que o ambiente oferecem para os praticantes de esportes de aventura. Essas perguntas servem para dar uma idéia dos riscos que o turista como usuário da atividade está predisposto. O gráfico 5 mostra os principais riscos que a atividade oferece e o gráfico 6, os que o ambiente. É interessante ressaltar que os riscos são fáceis de serem prevenidos, desde que as empresas façam um trabalho de planejamento, acompanhamento e controle das atividades, inclusive, observando sempre a previsão do tempo.

Gráfico 5 - Principais riscos que a atividade do turismo de aventura oferece.

Fonte: Elaboração própria, 2005.

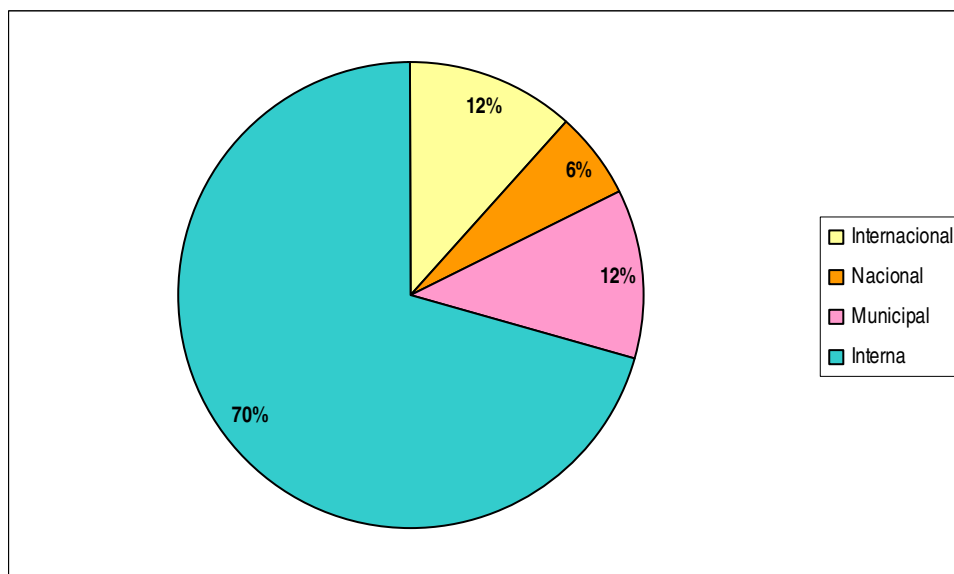
Gráfico 6 - Principais riscos que o ambiente onde o turismo de aventura é praticado oferece.



Fonte: Elaboração própria, 2005.

A décima primeira questão demonstra uma conscientização por parte das empresas quando 100% delas respondem que informam aos usuários que a atividade oferece riscos. Esse é um princípio básico que se deve seguir. A informação e o diálogo transparente com os clientes podem evitar grandes dificuldades no futuro.

A décima segunda questão levanta o tema das normas de segurança e a décima terceira vem complementar a anterior perguntando qual a norma adotada. Segundo os responsáveis das empresas 100% delas utilizam alguma norma de segurança para a prática das atividades. O gráfico 7 mostra quais normas são adotadas por essas empresas, sendo que há uma predominância do uso de normas internas. Essa é uma questão muito relevante, visto que há uma discussão em nível nacional, promovida pelo Ministério do Turismo para criar as normas do turismo de aventura. Após as 19 normas previstas terem sido criadas, com certeza o setor se profissionalizará muito mais. Os índices de acidentes diminuirão e os clientes poderão comprar serviços seguros.

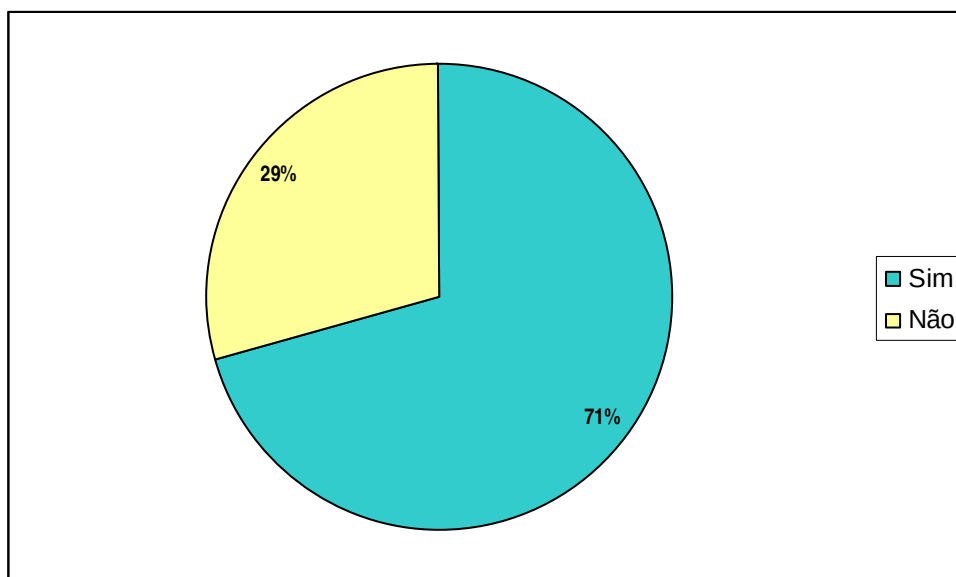
Gráfico 7 - Normas adotadas pelas empresas de turismo de aventura de Lençóis

Fonte: Elaboração própria, 2005.

A décima quarta questão pergunta se as empresas oferecem seguro de vida aos seus clientes, sendo que num total de 18 empresas apenas uma oferece esse tipo de seguro. Ainda é uma novidade recente no segmento de turismo de aventura, mas já existem empresas especializadas em assegurar outras empresas operadoras de turismo de aventura. O lado positivo de se ter um seguro de vida para os clientes, funcionários e para a própria empresa é se isentar dos prejuízos financeiros que podem ocorrer, em virtude de processos jurídicos gerados por acidentes que venham a acontecer.

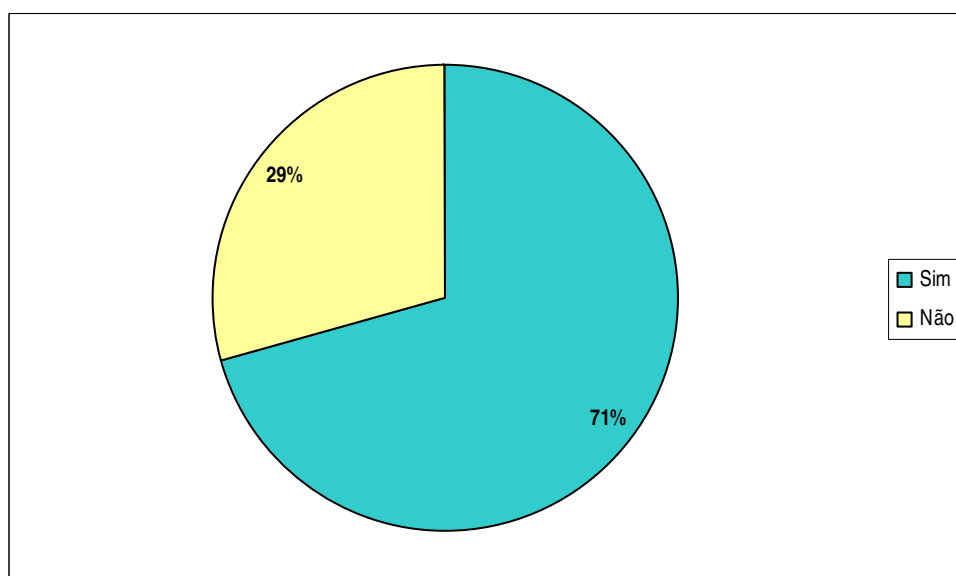
A décima quinta questão, como mostra o gráfico 8, afirma que em 71% das empresas os clientes assinam um termo de responsabilidade em caso de acidentes. É importante que fique escrito os deveres, os direitos e os riscos que o cliente têm em comprar um serviço de turismo de aventura. Em contra partida com a pergunta anterior, a décima sexta questão, como mostra o gráfico 9, demonstra que a maioria das empresas não assina um termo de responsabilidade em relação à vida do cliente. Ainda existem alguns questionamentos quanto à validade jurídica destes termos. De preferência deve assinar-se um contrato.

Gráfico 8 - Os clientes assinam algum tipo de termo de responsabilidade em caso de acidentes?



Fonte: Elaboração própria, 2005.

Gráfico 9 - A empresa assina algum tipo de termo de responsabilidade em caso de acidentes?

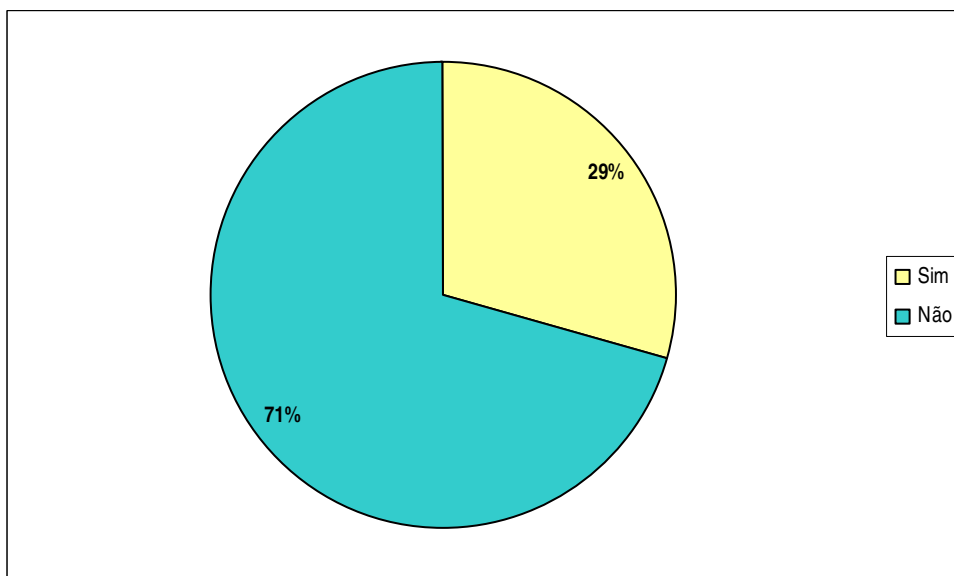


Fonte: Elaboração própria, 2005.

As perguntas 17, 18 e 19 questionam, respectivamente, se as empresas têm um relatório de acidentes e incidentes, se já ocorreu algum tipo de acidente ou incidente e se já ocorreu, pede para relatar o ocorrido. Do total das empresas pesquisadas (gráfico 10), 71% não possuíam algum tipo de relatório de acidentes e incidentes. Como mostra o gráfico 11, 65% das empresas pesquisadas afirmaram já ter ocorrido algum tipo de acidente e incidente, e as que responderam positivamente citaram acidentes como: queda, torção, arranhão e fratura, como os mais comuns, de acordo com o gráfico 12.

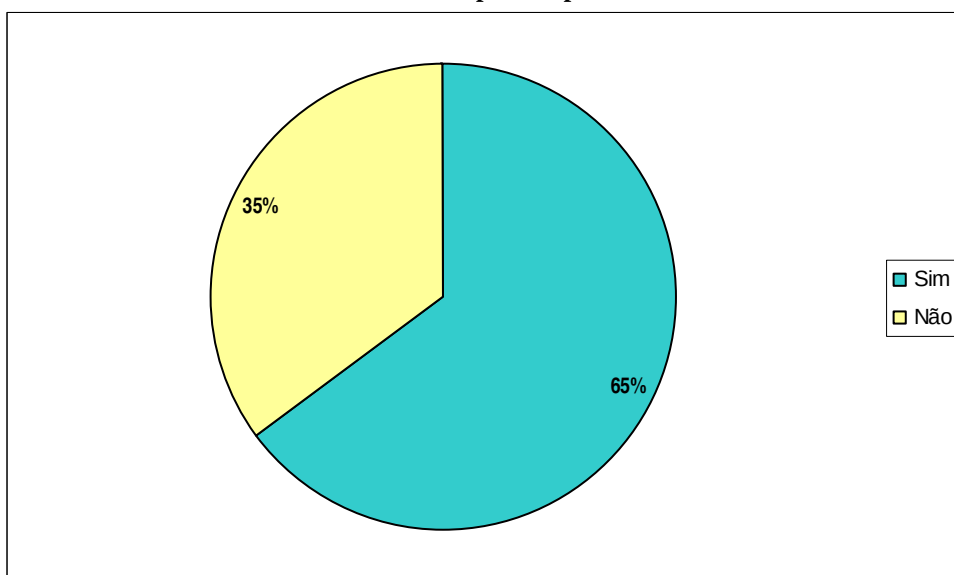
O relatório de incidentes e acidentes é fundamental para a análise das falhas ocorridas, causas e conseqüências, bem como para gerar uma estatística real do que ocorre no universo do turismo de aventura. Quanto mais se sabe sobre os problemas, mais fácil é achar as soluções. E neste segmento, recém-criado, qualquer índice é importante para um controle e re-planejamento das ações de gerenciamento de riscos.

Gráfico 10 - A empresa tem algum relatório ou histórico que registre casos de acidentes e incidentes?

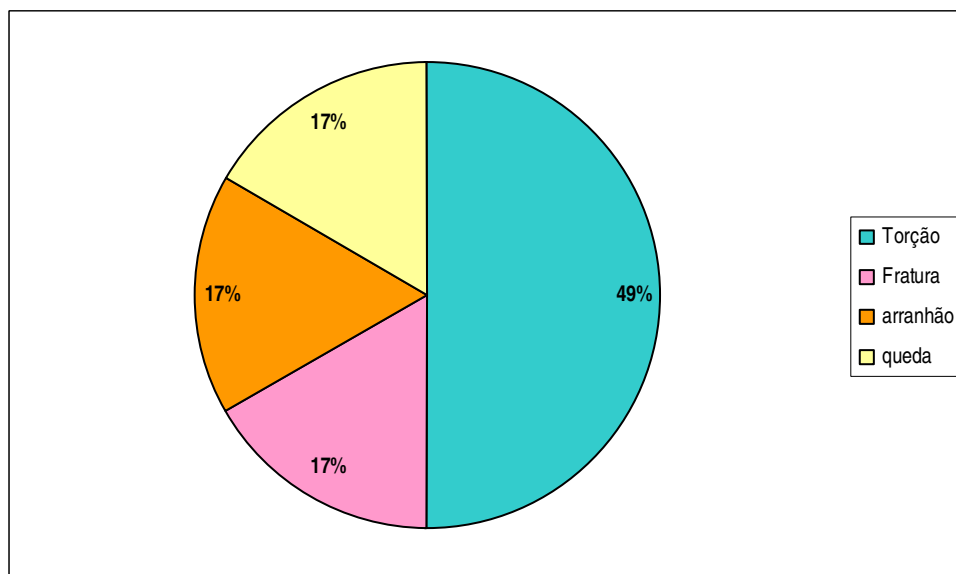


Fonte: Elaboração própria, 2005.

Gráfico 11 - Já ocorreu algum tipo de acidente ou incidente durante as atividades oferecidas pela empresa?



Fonte: Elaboração própria, 2005.

Gráfico 12 - Principais acidentes ocorridos

Fonte: Elaboração própria, 2005.

A vigésima questão quer saber se as atividades oferecidas pela empresa são realizadas em áreas de difícil acesso ou remotas: do total de 18 empresas apenas duas responderão que não, relatando que quando o cliente demanda uma atividade em um local remoto elas terceirizam o serviço para uma empresa mais qualificada. Geralmente, as atividades de turismo de aventura acontecem em locais muito isolados, distantes dos centros urbanos e, é claro, devido à sua própria natureza, por isso é essencial que se tenham os pré-requisitos mínimos de segurança e infra-estrutura (que serão validados pelas normas em desenvolvimento pelo Ministério do Turismo) para atender bem os clientes. As respostas das duas empresas mostraram que os procedimentos adotados por elas é o correto, uma vez que não demandam de tais recursos para certos serviços.

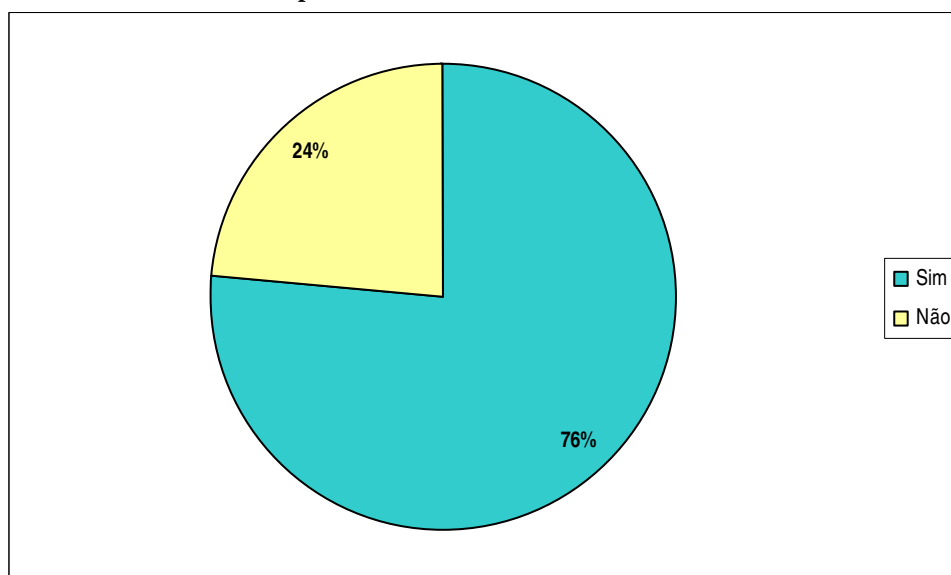
A questão 21 interroga se existe por parte das empresas um planejamento antecipado à realização da atividade em relação ao pronto-socorro em caso de acidente. A vigésima segunda indaga quais são as considerações feitas neste planejamento, somente se a resposta da vigésima primeira for afirmativa. Do total das empresas, 76% afirmaram realizar algum tipo de planejamento antecipado (gráfico 13). As empresas que realizam um planejamento citaram, na sua maioria, considerações como:

- Suporte junto à associação de guias para em casos de acidentes pedirem socorro;
- Levar sempre dois guias durante atividades mais distantes para caso aconteça algum problema um dos guias voltar e providenciar socorro;
- Levar durante as atividades material de primeiros socorros e corda de auxílio / resgate;

- Uso de rádio e celular, além de planejar anteriormente as vias de saída / escape;
- Realizar uma vistoria do local para prevenir os acidentes;
- Planejar as atividades evitando continuar se não for seguro;
- Utilizar pessoal preparado para esse tipo de ocorrência;
- Procedimentos gerais, manter os guias treinados e fazer sempre uma reciclagem;
- Utilização do corpo de bombeiros para resgate.

Essa questão mostrou um fato preocupante: a cidade de Lençóis não dispõe de um hospital equipado nem ao menos com raios-X, a cidade mais próxima com um hospital equipado é Itaberaba, que fica a 130 km de distância, e se necessitar de uma UTI só encontra em Salvador, que fica a 409 km.

Gráfico 13 - Existe um planejamento anterior à realização da atividade em relação a o pronto-socorro em caso de acidente?



Fonte: Elaboração própria, 2005.

Na questão vigésima terceira, perguntamos aos empresários o que eles entendiam por gerenciamento de riscos e a maioria respondeu:

- Ter uma visão antecipada dos futuros problemas;
- Dar o suporte possível para que o risco seja minimizado;
- Normas para evitar acidentes;
- Fazer uma avaliação do perigo do serviço prestado, colocando as formas de cuidado para que não aconteçam;
- Prevenir o risco para que ele não aconteça;
- Não colocar a vida das pessoas em risco, ter um monitoramento e avisar do perigo;

- Quando a pessoa tem um conhecimento da região e informa ao cliente do perigo;
- Precauções e equipamentos caso ocorra o acidente para poder socorrer;
- Tomar precauções contra acidentes e adotar procedimentos e normas na execução das atividades, e;
- Administrar os riscos para buscar soluções.

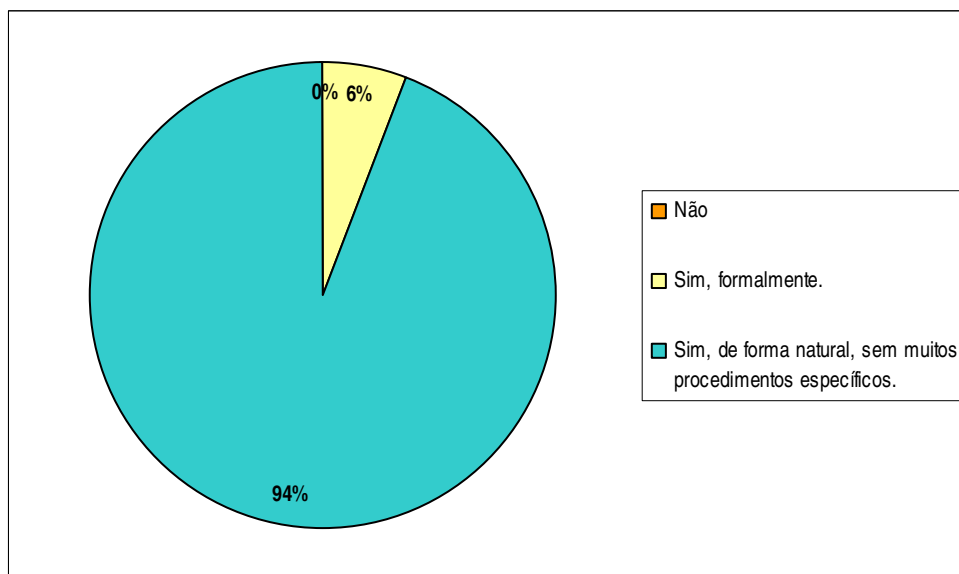
Essas foram as principais respostas dadas pelos empresários, apenas três afirmaram não saber responder a essa pergunta. Essa questão mostra que, a maioria dos empresários sabe, mesmo que intrinsecamente, o que é gerenciamento de riscos.

Para a realização das questões 24, 25 e 26, que se referem ao gerenciamento de riscos, tivemos que fazer uma apresentação rápida da definição do tema gerenciamento de riscos para os empresários que não sabiam o significado. Na questão 24 as empresas responderam se desenvolvem gerenciamento de riscos. Como mostra o gráfico 14, a maioria das empresas, ou seja 94%, desenvolvem o gerenciamento de riscos de forma natural, sem muitos procedimentos específicos. Na questão 25 as empresas responderam na sua totalidade que consideram importante o gerenciamento de riscos no turismo de aventura.

E a última questão perguntou os motivos das empresas considerarem importante o gerenciamento de riscos, o gráfico 15 mostra que os empresários têm uma preocupação com o cliente, e por relato dos mesmos, uma preocupação com a segurança e a reputação do setor.

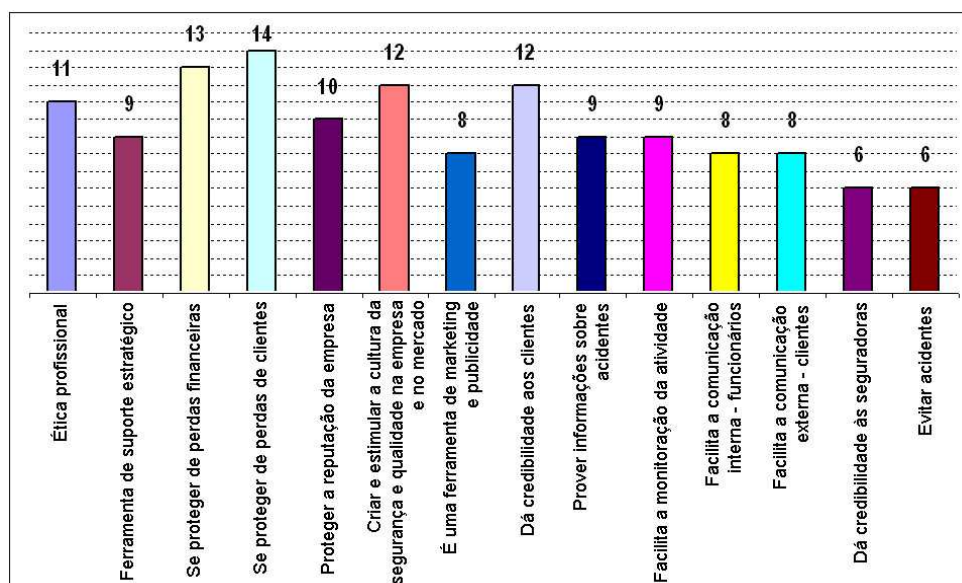
Existe um consenso que favorece, futuramente, a implantação de planos padronizados de gerenciamento de riscos nessas empresas, tornando parte do cotidiano das mesmas o planejamento, o diagnósticos de novos riscos e a monitoração das atividades.

Gráfico 14 - A empresa desenvolve gerenciamento de riscos?



Fonte: Elaboração própria, 2005.

Gráfico 15 - Motivos das empresas considerarem importante o gerenciamento de riscos



Fonte: Elaboração própria, 2005.

CAPÍTULO IV – CONCLUSÃO

Esta pesquisa permitiu descobrir o nível de profissionalismo das empresas prestadoras de serviços de turismo de aventura, situadas em Lençóis – Bahia, com relação ao gerenciamento de riscos inerentes às suas atividades.

Identificou-se que muitas dessas empresas desconhecem o gerenciamento de riscos como um plano estratégico e uma ferramenta de trabalho que deve ser desenvolvida para preservar os seus clientes, os seus funcionários e a sua própria imagem. Viu-se que algumas dessas organizações não possuem um relatório de incidentes e acidentes, não se preocupam com a elaboração de um plano de emergência, não disponibilizam seguros de vida para seus clientes, além de que alguns profissionais necessitam uma melhor qualificação técnica e, ainda, sofrem com as dificuldades da região, como a ausência de hospitais com infra-estrutura adequada e a carência de sistemas de comunicação eficientes.

Por outro lado, numa abordagem mais simples, ficou comprovado que a grande maioria realiza uma gestão dos riscos de seus serviços de turismo de aventura de maneira empírica e instintiva. Muitas empresas já adotam algumas premissas: levam sempre suprimentos de primeiros socorros para as atividades, utilizam equipamentos certificados internacionalmente, conhecem os riscos de cada atividade e informam-nos aos clientes e, principalmente, preocupam-se com a segurança e sabem da necessidade de melhorar cada vez mais.

A maioria dos riscos relatados é de fácil prevenção e controle. Mas, ainda é preciso que os empresários e gestores das organizações de turismo de aventura tomem a iniciativa e incentivem a cultura do gerenciamento de riscos internamente, capacitando e educando os seus profissionais, realizando diagnósticos periódicos e detalhados, com análises dos riscos sobre diversas óticas, e construindo conjuntamente os planos de prevenção e de emergências, bem como os planos de gerenciamento de crises. Trabalhando sob uma visão holística e sistêmica do turismo de aventura, poder-se-á alcançar bons resultados e garantir segurança e qualidade nos serviços oferecidos aos seus clientes.

Outra sugestão é utilizar o Manual de Criação e Organização de Grupos Voluntários de Busca e Salvamento de Turismo de Aventura¹⁴ como guia para o desenvolvimento de uma equipe de trabalho coesa, consciente das diversas variáveis do turismo de aventura e preparada para os imprevistos. Além disso, acompanhar de perto o Projeto de Normalização e Certificação no Turismo de Aventura¹⁵ é fundamental.

Por fim, espera-se que este trabalho possa disseminar a cultura do gerenciamento de riscos, mostrando a sua importância para todo o mercado turístico baiano e nacional, incluindo desde as agências de viagem, os operadores locais, o próprio governo – que teve iniciativa e já está realizando o seu papel, através do Projeto de Normalização e Certificação em Turismo de Aventura – e, principalmente, os clientes, que são os protagonistas e alimentadores da atividade. Pois, assim, falhas poderão ser prevenidas e corrigidas, serviços de qualidade poderão ser ofertados em maior escala, e o Brasil poderá se posicionar no cenário internacional como um dos melhores destinos de turismo de aventura do mundo. O potencial existe, falta desenvolvê-lo com profissionalismo!

¹⁴ Disponível no *website* do Instituto de Hospitalidade – IH:
http://www.hospitalidade.org.br/turismo_aventura/doc/Manual-GVBS-Final.pdf

¹⁵ No *website* do Instituto de Hospitalidade pode-se encontrar maiores informações:
http://www.hospitalidade.org.br/turismo_aventura/ta_idx_menu.htm

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, José Vicente de. *Turismo: Fundamentos e dimensões*. São Paulo: Ática, 1998.

BAHIA. Secretaria de Cultura e Turismo. *Guia Cultural da Bahia: Chapada Diamantina* - Superintendência de Cultura: A secretaria, 1999.

BANDEIRA, Renato Luís Sapucaia. *Chapada diamantina: história, riquezas e encantos*. Salvador: Onavlis Editora, 1998.

BOOTH, Wayne C., **COLOMB**, Gregory G., **WILLIAMS**, Joseph M. *A arte da pesquisa*. – tradução: Henrique A. Rego Monteiro – São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CARDELLA, Benedito. *Segurança no trabalho e prevenção de acidentes: uma abordagem holística: segurança integrada à missão organizacional com produtividade, qualidade, preservação ambiental e desenvolvimento de pessoas*. – São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES, Cristiane do Nascimento, **FRAGA**, Gleide carvalho. *Turismo de Aventura: a experiência do município de Paulo Afonso* – BA. Monografia apresentada à Fundação Visconde de Cairu, Salvador, 2004.

KLINK, Amyr. *Gestão de Sonhos: riscos e oportunidades*. Salvador: Casa da Qualidade, 2002.

LAKATOS, Eva Maria, **MARCONI**, Marina de Andrade. *Fundamentos da metodologia científica*. – 3ª ed. – São Paulo: Atlas, 2003.

MINISTÉRIO DO TURISMO. *Turismo de aventura: busca e salvamento*. Manual de criação e organização de grupos voluntários de busca e salvamento. Brasília, 2005.

MINISTÉRIO DO TURISMO. *Regulamentação, normalização e certificação em turismo de aventura: relatório*. Brasília, 2005.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação Científica*. São Paulo: Atlas, 2003.

PIRES, Paulo dos Santos. *Dimensões do Ecoturismo*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2002.

SALOMON, Dêlcio Vieira. *Como fazer uma monografia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. – 19ª ed. – São Paulo: Cortez, 1993.

SOUZA, João Cláudio, **SOUZA**, Lícia Soares de. *Turismo Sustentável: cultura – relações públicas – qualidade*. Salvador: SCT, 2002.

SWARBROOKE, John. *Turismo de Aventura: conceitos e estudos de casos – Tradução: Marise Philbois Toledo*. Rio de Janeiro: Elseiver, 2003.

ELETRÔNICAS

ABEA – Associação Brasileira de Esportes de Aventura. Disponível em: <http://www.abea.org.br/index.php?destino=noticias06>. Acesso em 10 mar. 2005.

ABIH – Associação Brasileira das Industrias de Hotéis. Disponível em: <http://www.abih.com.br/>. Acesso em 10 mar. 2005.

ADVENTURE FACTORY. Disponível em: <http://www.adventurefactory.com.br/artigos/gerenciamentoderiscos.mov>. Acesso em 10 mar. 2005.

AMBIENTE BRASIL. Disponível em: http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./ecoturismo/index.html&conteudo=./ecoturismo/artigos/turismo_espeleo.html. Acesso em 10 mar. 2005.

AVENTURE-SE. Disponível em: <http://aventurese.ig.com.br/>. Acesso em 10 mar. 2005.

BAHIA. Disponível em: <http://www.bahia.com.br>. Acesso em 10 mar. 2005.

BAHIATURSA – Órgão Oficial de Turismo. Disponível em: <http://www.bahiatursa.ba.gov.br/>. Acesso em 10 mar. 2005.

CIDADES HISTÓRICAS. Disponível em: <http://cidadeshistoricas.art.br/lencois/>. Acesso em 21 ago. 2005.

CORREIO DO LITORAL – Associação Brasileira das Industrias de Hotéis. Disponível em: <http://www.correiodolitoral.com.br/noticias.asp?id=16699>. Acesso em 10 mar. 2005.

D'AVENTURA. Disponível em: <http://www.daventura.com.br/pesquisa.htm>. Acesso em 10 mar. 2005.

EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo. Disponível em: <http://www.embratur.gov.br/br/home/index.asp>. Acesso em 10 mar. 2005.

ETUR. Disponível em: <http://www.etur.com.br/>. Acesso em 10 mar. 2005.

GUIA LENÇÓIS. Disponível em: <http://www.guialencois.com/capa.htm> . Acesso em 21 ago. 2005.

IBAMA. Disponível em: <http://www2.ibama.gov.br/unidades/parques/reuc/15.htm>. Acesso em 21 ago. 2005.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Disponível em: <http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/turismo/ecotur/cerchap/diamant/>. Acesso em 21 ago. 2005.

PETZL SPORT. Fabricante de cordas de rapel e outros equipamentos. Disponível em: <http://www.petzl.com/petzl/SportProduits?MotRecherche=Quick+Search&Langue=en&Activite=0&Famille=12&SousFamille=35&News=> Acesso em 21 ago. 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LENÇÓIS. Disponível em: <http://www.lencois.ba.gov.br/capa.php> . Acesso em 21 ago. 2005.

SOBRE TURISMO. Disponível em: <http://www.sobreturismo.com.br>. Acesso em 10 mar. 2005.

TURISMOLOGIA. Disponível em: <http://www.turismologia.com.br>. Acesso em 10 mar. 2005.

APÊNDICE

APÊNDICE

Questionário sobre Gerenciamento de Riscos

Entrevista com os Gestores das Empresas do Segmento de Turismo de Aventura que têm sede em Lençóis - BA

Esse questionário foi elaborado como parte da pesquisa para elaboração da Monografia para Conclusão do Curso de MBA em Gestão de Negócios da Faculdade Ruy Barbosa. Com essa monografia pretendemos descobrir como as organizações baianas do segmento de Turismo de Aventura gerenciam os riscos inerentes à sua atividade.

Delimitamos a pesquisa às empresas prestadoras de serviços de turismo de aventura que tem sede na cidade de Lençóis, pois acreditamos estar trabalhando com o lugar mais representativo do turismo de aventura na Bahia. E, a partir de Lençóis, poderemos estender, futuramente, em próximas pesquisas, para todo o restante da Bahia.

DADOS GERAIS (opcional)

Nome da empresa: _____ Entrevistado: _____

1. Quais atividades a empresa oferece?

Ar	Pára-quedismo	☐	Terra	Espeleologia	☐	Água	Caiaque	☐
	Sky-surf	☐		Excursionismo, caminhada, trekking e hiking	☐		Mergulho	☐
	Base Jump	☐		Rallies – classe turismo	☐		Bóia-cross	☐
	Asa-delta	☐		Bungee jump	☐		Rafting	☐
	Parapente	☐		Rope Swing – pêndulo com corda	☐		Outrigger – canoa havaiana	☐
	Balonismo	☐		Cavalgada	☐		Canoa	☐
	Ultraleve	☐		Orientação – caminhada e corrida	☐			
				Canionismo – rapel e tirolesa	☐			
				Montanhismo – escalada e caminhada	☐			
				Ciclismo	☐			
				Mountain bike – cicloturismo	☐			
				Off-road – fora-de-estrada	☐			
				Arborismo	☐			
				Motocross	☐			

2. A capacitação técnica é um critério adotado por sua empresa para contratar guias e monitores?

Sim ☐ Não ☐

3. Os guias e monitores têm treinamento em resgate?

Sim ☐ Não ☐

4. Os guias e monitores têm treinamento em primeiros socorros?

Sim ☐ Não ☐

5. Os guias e monitores levam consigo, durante as atividades, suprimentos de primeiros socorros?

Sim ☐ Não ☐

6. Os equipamentos utilizados nas atividades são certificados internacionalmente?

Todos ☐
 A maior parte ☐
 A menor parte ☐
 Nenhum deles ☐

7. A empresa utiliza algum sistema de comunicação entre a base e os locais de operação?

Sim ☐ Não ☐

8. Caso a resposta anterior seja afirmativa, qual o sistema de comunicação utilizado?

Rádio-transmissor ☐
 Telefone móvel (celular) ☐
 Telefone móvel (via satélite) ☐

9. Quais os principais riscos que as atividades oferecem?

Queda ☐
 Afogamento ☐
 Rompimento de corda ☐
 Descida muito rápida ☐
 Torção ☐
 Arranhões ☐
 Hipotermia ☐
 Insolação ☐

10. Quais os principais riscos que o ambiente oferece?

Deslizamento de terra ☐
 Desmoronamento ☐
 Alagamento ☐
 Tromba D'Água ☐
 Tempestade ☐
 Frio ☐
 Neve ☐
 Enxame de abelha ☐
 Raio ☐
 Corredeira ☐
 Ar rarefeito ☐

11. A empresa informa ao cliente que a atividade gera riscos?

Sim ☐ Não ☐

12. A empresa segue alguma norma de segurança para a prática das atividades?

Sim ☐ Não ☐

13. Caso a resposta do item anterior seja afirmativa quais as normas são adotadas?

Internacional ☐
 Nacional ☐
 Internacional ☐
 Outros _____

14. A empresa oferece seguro de vida aos clientes?

Não ☐ Sim ☐ Qual? _____

15. Os clientes assinam algum tipo de termo de responsabilidade em caso de acidentes?

Sim ☐ Não ☐

16. A empresa assina algum tipo de termo de responsabilidade em caso de acidentes?

Sim ☐ Não ☐

17. A empresa tem algum relatório ou histórico que registre casos de acidentes e incidentes?

Sim ☐ Não ☐

18. Já ocorreu algum tipo de incidente ou acidente durante as atividades oferecidas pela empresa?

Sim ☐ Não ☐

19. Caso a pergunta anterior seja positiva, descreva o ocorrido:

20. As atividades oferecidas pela empresa são desenvolvidas em locais de difícil acesso ou em áreas remotas?

Sim ☐ Não ☐

21. Existe um planejamento anterior à realização da atividade em relação ao pronto-socorro em caso de acidente?

Sim ☐ Não ☐

22. Se a resposta anterior foi positiva quais as considerações feitas neste planejamento?

23. Para você, o que é gerenciamento de riscos?

24. A empresa desenvolve o gerenciamento de risco?

Não ☐

Sim, formalmente. ☐

Sim, de forma natural, sem muitos procedimentos específicos. ☐

25. Você acha importante o gerenciamento de risco no turismo de aventura?

Sim ☐ Não ☐

26. Se a resposta anterior for positiva por que você o considera importante?

Ética profissional	☐
Ferramenta de suporte estratégico	☐
Se proteger de perdas financeiras	☐
Se proteger de perdas de clientes	☐
Proteger a reputação da empresa	☐
Criar e estimular a cultura da segurança e qualidade na empresa e no mercado	☐
É uma ferramenta de marketing e publicidade	☐
Dá credibilidade aos clientes	☐
Prover informações sobre acidentes	☐
Facilita a monitoração da atividade	☐
Facilita a comunicação interna – funcionários	☐
Facilita a comunicação externa – clientes	☐
Dá credibilidade às seguradoras	☐

Outro(s): _____

Obrigado pela colaboração, espero que essa monografia ajude na melhoria do setor tornando-o mais qualificado e seguro para a integridade física e moral dos clientes, bem como para a proteção das empresas com relação a perdas financeiras e a sua própria credibilidade no mercado.

ANEXOS



Figura 6 - Mapa das regiões turísticas onde o turismo de aventura é mais praticado na Bahia, Bahiatursa, 2005.

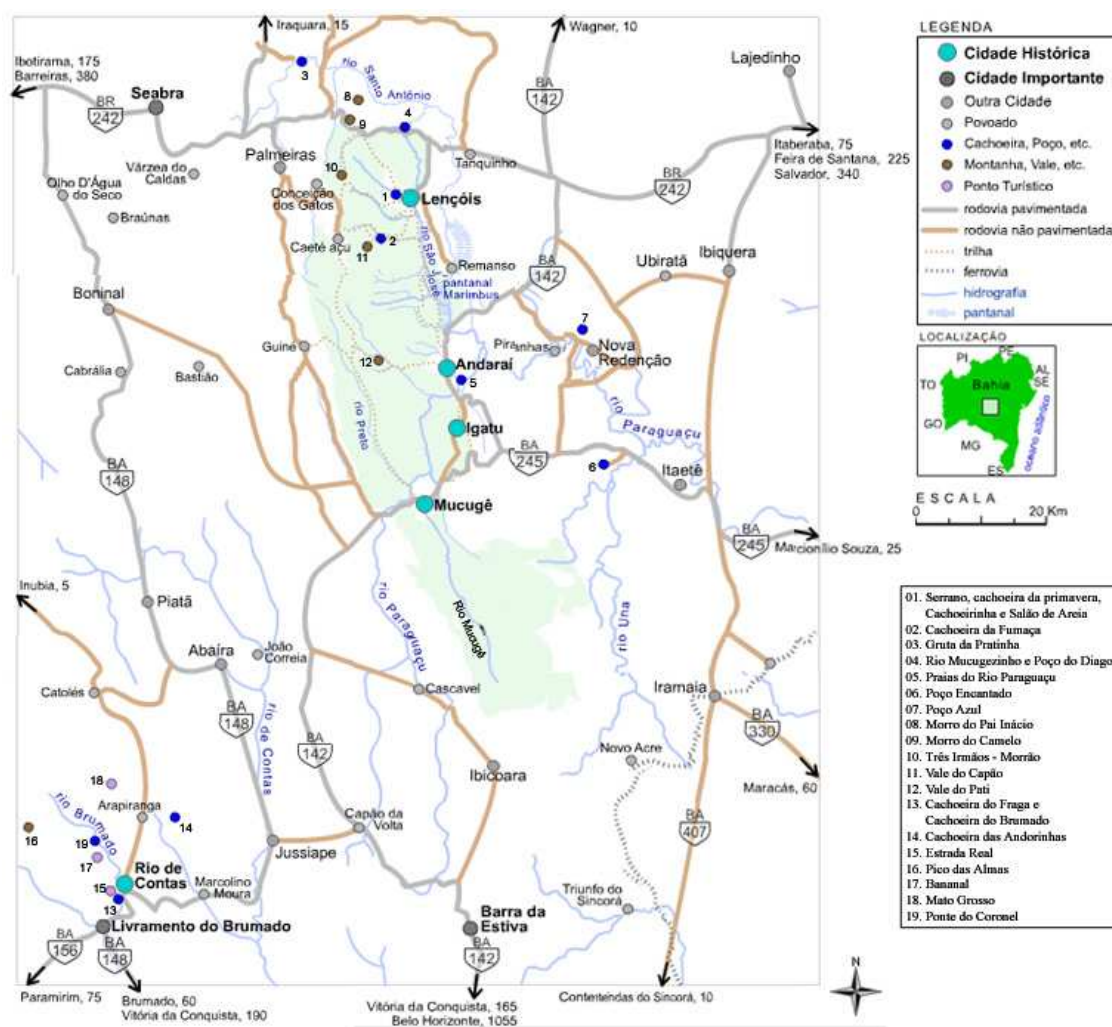


Figura 7 - Mapa da Região da Chapada Diamantina, website Cidades Históricas, 2005

ANEXO 2

Empresas que oferecem serviço de turismo de aventura e estão sediadas em Lençóis.

1. Adrenalina Trekk
andrenalinalençois@hotmail.com
Proprietários: Sérgio ou Augusto
Tel.: (75) 3334-1689

2. Chapada Adventure
Proprietário: Edimar Rodrigues
Tel.: (75) 3334-2037

3. Cirtur - Alves Sá Viagens e Turismo
Proprietária: Soraia
Tel.: (75) 3334-1133
E-mail: cirturlençois@hotmail.com

4. Destino Chapada
Proprietária: Sibélia Viana
Tel.: (75) 3334-1597

5. Ecotur
Proprietário: Silvio
Tel.: (75) 3334-1956

6. Expedições H²O
Proprietária: Maisa
Tel.: (75) 3334-1229
Website: www.pousadadosduendes.com
E-mail: duendes@ligbr.com.br

7. Explorer Brasil
Proprietário: Dioclides Araújo
Tel.: (75) 3334-1183
E-mail: contato@explorebrasil.com

8. Extreme EcoAdventure
Proprietário: Marcos Cauduro
Tel.: (75)3334-1727
Website: www.extremeecoadventure.com.br
E-mail: marcos@extremeecoadventure.com.br

9. Fora da Trilha Escalada
Proprietário: Henrique
Tel.: (75)3334-1326
E-mail: fora_da_trilha@yahoo.com.br

10. Lentur

Proprietário: Paulo César
Tel.: (75) 3334-12711412
E-mail: lentur@uol.com.br
Website: www.lentur.com.br; (20:30hs)

11. Luck Adventure
Proprietária: Cláudia Arieta
Tel.: (75) 3334-1925
E-mail: reserva@luckadventure-bahia.com.br

12. Marimbus Ecoturismo
Proprietário: Luiz Paru
Tel.: (75) 3334-1718
Website: www.marimbus.com
E-mail: marimbus@uol.com.br

13. Nativos da Chapada
Proprietários: José Américo e Zé Augusto
Tel.: (75) 3334-1314
Website: www.nativosdachapada.com.br
E-mail: nativosdelençois@hotmail.com

14. Pe de Trilha
Proprietária: Rosa Resende
Tel.: (75) 3334-1124
E-mail: pedetrilha@terra.com.br

15. Terra Chapada
Venturas e Aventuras
Proprietário: José Orestes
Tel.: (75) 3334-1304
Website: www.terrachapada.com.br
e chapada@venturas.com.br
E-mail: terrachapada@terrachapada.com.br

16. Vertical Trip
Proprietário: Lucas Salton
Tel.: (75)3334-2034
verticaltrip@yahoo.com.br

17. Zentur
Proprietário: Everaldo Soares
Tel.: (75) 3334-1397/1338
Website: www.zentur.tur.br
E-mail: contato@zentur.tur.br

ANEXO 3

Capítulo DIAGNÓSTICO do Manual de Criação e Organização de Grupos Voluntários de Busca e Salvamento de Turismo – Manual GVBS, desenvolvido pelo Ministério do Turismo da República Federativa do Brasil, 2005.

Para a versão digital deste trabalho, as páginas do Manual GVBS foram suprimidas, devido ao tamanho final deste arquivo. Contudo, o documento se encontra disponível na página de Internet do Instituto de Hospitalidade – IH, através do link: http://www.hospitalidade.org.br/turismo_aventura/doc/Manual-GVBS-Final.pdf.

ANEXO 4

Catálogo de fabricantes de equipamentos de técnicas verticais.

		CANYONING	ESPELEOLOGIA				
							
		CANYON	A N T I P O D E S				
		10	9	10	10,5	11	11,5
Tipo de corda			B	A	A	A	A
	Carga de rutura		1900 kN	2400 kN	2700 kN	3000 kN	3200 kN
	Resistência com nó em oito		1350 Kg	1700 Kg	1950 Kg	2050 Kg	2300 Kg
	Número de quedas de fator 1	55 Kg	14				
		80 Kg		5			
		100 Kg			5	10	13
	Força de choque fator 0,3		400 daN	480 daN	510 daN	510 daN	530 daN
	Alongamento 50/150 Kg	2 %	3,6 %	3,0 %	3,0 %	2,8 %	2,6 %
	Deslizamento da capa	0,5%	0,3%	0,5%	0,8%	0,8%	0,5%
	Peso por metro	57 g	51 g	60 g	65 g	73 g	78 g



A Beal tem o certificado ISO 9002 para garantir uma qualidade constante de todos os seus produtos.



Todos os equipamentos de segurança Beal atendem às exigências da Comunidade Europeia e levam o selo CE.



As cordas Beal estão de acordo com as Normas UIAA.



Figura 8 - Catálogo de fabricantes de equipamentos de técnicas verticais



Mosquetões de grande formato, super resistentes, de grande abertura, de formato anatômico e assimétrico, que posiciona sistematicamente as cordas e os cintos.

Figura 9 – Catálogo de fabricantes de equipamentos de técnicas verticais

ANEXO 5

Relatos de Acidentes no Turismo de Aventura, dados retirados do site Férias Vivas: <http://www.feriasvivas.org.br/v4/index.asp>. Foram encontrados 44 relatos de acidentes, dos quais três ocorreram na Bahia e destes, dois foram na Chapada Diamantina.

Categoria: Kitesurf

Data: 3/11/2002

Local: Lagoa da Conceição Florianópolis (SC)

Vítima: Felipe de Paula Queiroz **Idade:** 21 anos

Descrição: O estudante praticava kitesurf na Lagoa da Conceição quando foi atropelado por uma lancha, que surgiu de repente. Testemunhas que presenciaram o acidente acusam a Capitania dos Portos de não fiscalizar as lanchas e embarcações motorizadas que circulam nas águas em horários e locais proibidos. A Capitania dos Portos diz que a maioria das autuações refere-se a condutores não habilitados. E que o aluguel de jet skis é proibido.

Fonte: Roberto da Silva (pai da vítima), Diário Catarinense

Coleta de Dados: Ângela Ennes

Categoria: Canionismo

Data: 29/9/2003

Local: Itarapina (SP)

Vítima: Oséas Oliveira **Idade:** 35 anos

Descrição: Oséas, praticante de esportes de aventura, escorregou e caiu ao fazer rapel na cachoeira São José em Itarapina. Ele foi retirado com a ajuda do helicóptero Águia, da Polícia Militar de Piracicaba e levado para UTI do Hospital dos Fornecedores de Cana de Piracicaba. Oséas e seu grupo de 10 pessoas não estavam acompanhados de guias especializados e não possuíam autorização exigida pela prefeitura para a prática de rapel. **Análise / Comentários:** **Fonte:** Rede Paranaense de Comunicação

Fonte: Familiares, TV Globo

Coleta de Dados: Sílvia Basile

Categoria: Vôo Livre

Data: 12/11/2003

Local: Praia do Pepino (RJ)

Vítima: Ana Rosa Lapa dos Santos **Idade:** 27 anos

Vítima: Edvaldo Souza da Silva **Idade:** 34 anos

Descrição: A médica Ana Rosa Lapa dos Santos, moradora em Manaus e o instrutor Edvaldo Souza da Silva, morreram após um acidente de asa delta na Praia do Pepino em São Conrado. A asa delta decolou da Pedra Bonita em voo duplo com destino ao campo de pouso na Praia do Pepino. Ao colidir com o paredão conhecido como Costão do Pepino, o aparelho caiu no mar a uma altura de aproximadamente 30 metros.

Fonte: Familiares, O Estado de São Paulo

Coleta de Dados: Sílvia Basile

Categoria: Montanhismo

Data: 25/5/1997

Local: Morro do Açu (RJ)

Vítima: Geraldo Coimbra de Castro Jr. **Idade:** 29 anos

Descrição: O alpinista Geraldo Coimbra de Castro Jr., perdeu-se na floresta quando tentava escalar o Morro do Açu, em Petrópolis, Rio de Janeiro. Sobrevivendo por uma semana na mata, ele conseguiu sair da floresta sozinho no fim da tarde de domingo.

Fonte: Familiares, O Globo

Coleta de Dados: Sílvia Basile

Categoria: Montanhismo

Data: 29/5/1997

Local: Parque Dois Irmãos, Jacarepaguá (RJ)

Vítima: Alexandre **Idade:** 13 anos

Vítima: Tatiane Santos Ramos **Idade:** 16 anos

Vítima: Aézio Oswaldo da Silva **Idade:** 16 anos

Vítima: Leandro de Oliveira Honório **Idade:** 16 anos

Descrição: Os quatro adolescentes começaram uma escalada no Parque Dois Irmãos na tarde do dia 29, quando foram surpreendidos por uma forte chuva. Sem que pudessem descer do topo de uma pedra de cerca de 300m de altura porque a trilha estava escorregadia, eles passaram a noite sem comida, bebida ou agasalhos à espera de socorro. Ao localizarem os adolescentes, os bombeiros não conseguiram subir até o alto da pedra. Uma equipe de escaladores foi acionada, mas também falharam diante do terreno escorregadio. Finalmente mesmo com vento forte o helicóptero da Polícia Civil conseguiu içar os quatro adolescentes e resgatá-los.

Fonte: Familiares, O Globo

Coleta de Dados: Sílvia Basile

Categoria: Águas Brancas

Data: 15/10/2002

Local: Caconde (SP)

Vítima: Lucas Cantarelli **Idade:** 17 anos

Descrição: O instrutor de rafting Lucas Cantarelli, 17 anos, estava dando aulas a um grupo no Rio Pardo, em Caconde, quando o bote virou por volta das 11 horas da manhã. Lucas Cantarelli caiu na água, ficou preso em uma fenda do rio e se afogou. O corpo de bombeiros foi chamado e para tirar o corpo do instrutor do rio. Para isso, foi necessário diminuir em 60 a vazão da represa para reduzir a força da correnteza.

Fonte: Familiares, O Estado de São Paulo

Coleta de Dados: Sílvia Basile

Categoria: Vôo Livre

Data: 27/2/2001

Local: Rio de Janeiro (RJ)

Vítima: Holly Lynn Hognkaf **Idade:** 33 anos

Vítima: Eduardo Nascimento Coelho **Idade:** 38 anos

Descrição: A turista Holly Lynn Hognkaf voava de asa delta com o piloto Eduardo Nascimento Coelho quando o equipamento quebrou na hora do pouso e os dois caíram de uma altura aproximada de três metros na Praia de São Conrado. De acordo com a equipe médica do hospital para onde eles foram levados, Holly fraturou o antebraço direito e Eduardo sofreu lesões no baço e no fígado, tendo que ser operado

Fonte: Familiares, O Globo

Coleta de Dados: Sílvia Basile

Categoria: Arvorismo

Data: 25/1/2004

Local: Atibaia (SP)

Descrição: Hospede do Hotel Village Eldorado Atibaia, Marcos Lima, contador, foi ator de um resgate bem sucedido. Ao participar de um circuito de arvorismo do hotel, o turista escorregou do cabo em uma etapa do circuito chamada “falsa baiana”, que consiste num cabo de aço para deslocamento entre dois pontos. Segundo Marcos, suas pernas começaram a tremer e ele perdeu as forças nas mãos, ficando de ponta cabeça, pendurado no cabo de aço pela fita de segurança. Como o circuito só pode ser percorrido com a presença de dois instrutores, eles imediatamente resgataram Lima, fazendo-o descer numa velocidade controlada ao chão.

Fonte: Folha de São Paulo

Coleta de Dados: Sílvia Basile

Categoria: Vôo Livre

Data: 18/1/2004

Local: Pedra Bonita (RJ)

Vítima: Marcio Mendes **Idade:** 35 anos

Descrição: Marcio saltando da rampa da Pedra Bonita com pouso previsto na Praia do Pepino caiu com seu parapente, por volta das 14:30h, fez um pouso forçado, parando em cima de uma árvore, num local próximo as pedras da praia do Pepino, em São Conrado sofrendo ferimentos leves. Mendes foi atendido no local e liberado em seguida. Segundo o Corpo de Bombeiros a causa do acidente pode ter sido motivada por fortes rajadas de vento vindos do sentido sul em direção à praia.

Fonte: Familiares, Agência Estado

Coleta de Dados: Sílvia Basile

Categoria: Vôo Livre

Data: 18/1/2004

Local: São Vicente (SP)

Vítima: Walter Gurzone Júnior **Idade:** 43 anos

Descrição: Walter Gurzone Jr., morreu após chocar-se com um fio de alta tensão perto do Morro do Voturá, durante um voo de parapente. Ao chocar-se com a linha de alta tensão, o fio rompeu-se e o comerciante caiu, morrendo a caminho do hospital.

Fonte: O Estado de São Paulo

Coleta de Dados: Sílvia Basile

Categoria: Montanhismo

Data: 23/3/2002

Local: Barro Branco (SP)

Vítima: Leonardo Bonora **Idade:** 35 anos

Descrição: O físico Leonardo Bonora, 66 anos, estava escalando a pedra Ana Chata, parte do complexo da Pedra do Baú, em São Bento do Sapucaí (SP), quando se perdeu em um dos caminhos da trilha. Bateu a cabeça em um platô e ficou pendurado na corda de segurança.

Fonte: Roberto da Silva (pai da vítima), outros

Coleta de Dados: Ângela Ennes

Categoria: Vôo Livre

Data: 31/3/2002

Local: Santo Antônio do Pinhal (SP)

Vítima: Rosivaldo Souza Freitas **Idade:** 40 anos

Descrição: O funcionário da Embraer, Rosivaldo Souza Freitas, 40 anos, saltou de asa delta em um morro de Santo Antônio do Pinhal (SP) e 30 segundos após o salto despencou de uma altura entre 50 e 80 metros. A queda foi fatal. Segundo o Boletim de Ocorrência nº 7502, registrado na Delegacia de Tremembé (SP), houve erro do piloto e não falha do equipamento. Rosivaldo tinha oito anos de experiência como piloto de asa delta.

Fonte: Roberto da Silva (pai da vítima), outros

Coleta de Dados: Ângela Ennes

Categoria: Canionismo

Data: 21/5/2000

Local: Cachoeira do Saltão, Itapirina (SP)

Vítima: Gustavo Souza Routman **Idade:** 25 anos

Descrição: O turista paulistano Gustavo Souza Routman, 25 anos, morreu enquanto praticava cascading – descida de cachoeira baseada em técnicas de rapel – na Cachoeira do Saltão, em Itapirina (SP). Segundo informações, o acidente foi provocado por falha humana. Não houve o rompimento dos equipamentos.

Fonte: Familiares, e-mail para Associação Férias Vivas

Coleta de Dados: Sílvia Basile

Categoria: Canionismo

Data: 25/9/2002

Local: Votorantin (SP)

Vítima: Flávio Masashi Kishise **Idade:** 19 anos

Descrição: O estudante universitário, Flávio Masashi Kishise, de 19 anos, estava com dois amigos na cachoeira dos Ingleses, localizada na represa de Itupararanga, onde iriam praticar rapel. Quando se preparava para descer o penhasco, despencou de uma altura de 40 metros. Os amigos contam que ao chegarem ao topo da montanha, indicaram para Flávio o local onde estava fincado um gancho para que as corda fossem fixadas. O rapaz foi olhar, se perdeu o equilíbrio e caiu. Os dois colegas de Flávio já haviam praticado o esporte e conheciam bem o local. O corpo do estudante foi encontrado em um lago pelo Corpo de Bombeiros.

Fonte: Folhaonline

Coleta de Dados: Verydiana Pedrosa

Categoria: Caminhada

Data: 28/1/2002

Local: Formosa (GO)

Vítima: André Jordano Gutierrez Cruz **Idade:** 26 anos

Descrição: O estudante de Geografia da UNB, André Jordano Gutierrez Cruz, 26 anos, escorregou e caiu do alto da cachoeira Salto do Itiquira, em Formosa (GO), a 105 km de Brasília. A cachoeira tem uma altura de 168 metros. É três vezes mais alta que o prédio do Congresso Nacional. André, a namorada e um casal de amigos viajaram até o Parque Municipal de Itiquira – um complexo com três cachoeiras – para passar o final de semana praticando esportes de aventura. Depois de uma caminhada de duas horas, ao chegar no final da trilha, a cerca de três metros do precipício, André abaixou-se à beira da correnteza para molhar os pés. Devido às chuvas da véspera, o volume de água era grande e a trilha estava com muita lama. O estudante acabou escorregando. Desesperados, os amigos desceram a mesma trilha e só conseguiram pedir socorro duas horas depois. Policiais militares e do Corpo de Bombeiros foram até o local, mas pouco conseguiram fazer. A maior parte da cachoeira fica na sombra durante à tarde, o que dificulta a visibilidade e diminui muito a temperatura da água e da mata. JO Salto de Itiquira é uma das cachoeiras com acesso aberto ao público mais altas do país.

Fonte: Correio Brasileiro

Coleta de Dados: Verydiana Pedrosa

Categoria: Outras

Data: 26/8/2002

Local: Porto Seguro (BA)

Vítima: A.L.A. **Idade:** 15 anos

Descrição: A menina voava de parasail, um esporte em que uma lancha puxa o pára-quedas, quando caiu no mar depois que a lancha parou por falta de combustível. Foi salva pelo capitão e pelo assistente da lancha. Mas o que contou muito para a sobrevivência da menina foi o fato dela ter ouvido um dia antes as orientações que o capitão da lancha havia dado a outra pessoa que praticava o esporte. Em geral, o capitão alertava para, em caso de queda, ao chegar no mar é preciso retirar o gancho do pára-quedas e se afastar do mesmo pois ele afunda. Essas orientações não foram passadas para ela antes do voo.

Fonte: Familiares, e-mail para Associação Férias Vivas

Coleta de Dados: Sílvia Basile

Categoria: Outras

Data: 15/6/2002

Local: Serra da Moeda (MG)

Vítima: Marli Almeida **Idade:** 30 anos

Vítima: Lincon Freire **Idade:** 50 anos

Vítima: Rodrigo Martelli **Idade:** 23 anos

Descrição: O piloto Lincon Freire com 15 anos de experiência em vôos de balão levava Marli, Rodrigo e outras pessoas em um passeio pela Serra da Moeda a 65 km de Belo Horizonte, quando a cesta se chocou com a montanha. O acidente aconteceu porque uma forte neblina na região deixou o piloto sem visibilidade e segundo relatos, o choque fez com que Marli fosse lançada parcialmente fora da cesta provocando sua morte. Lincon e Rodrigo tiveram ferimentos graves, mas não correm risco de vida. Este é o primeiro acidente na atividade de balonismo, registrado no país, com vítima fatal.

Fonte: Familiares, 360 Graus

Coleta de Dados: Sílvia Basile

Categoria: Vôo Livre

Data: 5/3/2003

Local: Governador Valadares (MG)

Vítima: Mario Neto **Idade:** 24 anos

Descrição: O piloto catarinense Mário Neto teve de ser resgatado de helicóptero após ficar preso num paredão no pico da Ibituruna por mais de quatro horas. Mario que praticava parapente em Governador Valadares, perdeu o controle do equipamento e caiu de uma altura de 70 metros, fraturando os tornozelos e ficando preso por mais de 4 horas em uma árvore a 7 metros do chão. O piloto foi resgatado pelos bombeiros e levado para o Pronto Socorro Municipal.

Fonte: Familiares, 360 Graus

Coleta de Dados: Sílvia Basile

Categoria: Canionismo

Data: 1/11/2003

Local: Presidente Getúlio (SC)

Descrição: Daiana que participava com um grupo de estudantes de uma oficina de rapel durante o Encontro Regional de Turismo, morreu ao cair de uma altura de 70 metros, quando a corda que a sustentava rompeu. Segundo laudo feito pelo comando do Corpo de Bombeiros em Florianópolis a corda apresentava desgaste em pelo menos dois pontos.

Fonte: Familiares, e-mail para Associação Férias Vivas

Coleta de Dados: Silvia Basile

Categoria: Canionismo

Data: 22/2/2004

Local: Santa Rita do Passa Quatro (SP)

Vítima: Sérgio Aparecido de Melo **Idade:** 23 anos

Descrição: Mello, que estava acompanhado de amigos para praticar cascading, decidiu descer a cachoeira da usina São Valentim, de 80 metros sem ajuda de guia. Ele chegou a descer cerca de 40 m, quando a corda ficou enroscada em uma pedra. Ao sentir-se preso, ele gritou pedindo ajuda da namorada e de um casal de amigos que o acompanhavam. Os amigos acionaram os bombeiros de Pirassununga, que chegaram ao local após algum tempo. Segundo a Polícia Militar, Melo foi visto com vida até as 18:30 h de domingo, mas por causa do difícil acesso e à forte correnteza, não conseguiram resgatá-lo. Instantes depois, a corda pela qual a vítima estava segura rompeu por causa da correnteza e Sérgio Melo desapareceu tendo sido resgatado somente dois dias depois, preso ao lado de um paredão, poucos metros abaixo da cachoeira.

Fonte: Familiares, O Estado de São Paulo

Coleta de Dados: Silvia Basile

Categoria: Canionismo

Data: 16/5/2004

Local: Serra do Cipó (MG)

Descrição: Um militar do Corpo de Bombeiros de Belo Horizonte morreu, em acidente na cachoeira Véu de Noiva, na Serra do Cipó. O bombeiro estava realizando uma descida na cachoeira com uma corda estática e procedimentos normais de ancoragem, quando a corda ficou presa em uma pedra. Para tentar soltá-la o bombeiro soltou seu equipamento de segurança (freio oito) e trocou cordas. Quando iniciou o movimento descendente, desgarrou das pedras provocando uma queda livre e na sequência um pêndulo levando a um choque frontal com as pedras morrendo na hora.

Fonte: Familiares, outros

Coleta de Dados: Silvia Basile

Categoria: Canionismo

Data: 24/1/2004

Local: Brotas (SP)

Vítima: Andréia Cristina da Silva **Idade:** 27 anos

Descrição: Andréa ganhou uma viagem turística a Brotas em uma promoção realizada pelo banco onde trabalhava. Durante a prática de rapel, no sítio Três Quedas, Andréa caiu de uma altura de 45 m batendo nas pedras e falecendo por traumatismo craniano. Segundo testemunhas, um dos guias que acompanhavam o grupo, não teria feito a segurança, freando o equipamento quando necessário, indicando que o acidente foi provocado por falha humana.

Fonte: Familiares, TV Globo

Coleta de Dados: Silvia Basile

Categoria: Vão Livre

Data: 18/1/2004

Local: Pedra Bonita (RJ)

Vítima: Thiago Mendes Worcman **Idade:** 28 anos

Descrição: O roteirista Thiago Worcman saltando da rampa da Pedra Bonita com pouso previsto na Praia do Pepino, caiu com sua asa delta, por volta das 13:30h, no interior da Escola Americana sofrendo ferimentos leves, tendo duas fraturas no braço esquerdo e deslocamento do ombro. Segundo o Corpo de Bombeiros a causa do acidente pode ter sido motivada por fortes rajadas de vento vindos do sentido sul em direção à praia.

Fonte: Agência Estado

Coleta de Dados: Silvia Basile

Categoria: Caminhada

Data: 29/8/2003

Local: Manso, Serra do Mar (SP)

Vítima: Leandro Bervig **Idade:** 22 anos

Vítima: Robson Damásio **Idade:** 23 anos

Descrição: Leandro e Robson permaneceram cerca de 72 horas perdidos na localidade do Manso, região montanhosa da Serra do Mar, entre os municípios de Jaraguá do Sul e Schroeder. Os jovens saíram para visitar um amigo e resolver acampar na região. Entrando no mato acabaram não conseguindo encontrar a trilha que levava para a região mais baixa do Manso. Os amigos foram resgatados pelos bombeiros após 3 dias, quando uma agricultora da região ouviu os gritos de socorro e decidiu chamar a corporação. Ao serem encontrados os jovens estavam desidratados, e famintos, comentando que enfrentaram temperaturas muito baixa durante as madrugadas.

Fonte: Familiares, Jornal Agora

Coleta de Dados: Silvia Basile

Categoria: Caminhada

Data: 11/7/2003

Local: Serra do Caraça (MG)

Vítima: Daniel Lessa **Idade:** 25 anos

Vítima: Pedro Rangel Drummond **Idade:** 24 anos

Vítima: Douglas Eduardo Nascimento **Idade:** 27 anos

Descrição: Os estudantes Daniel, Pedro e Douglas saíram para uma caminhada ecológica de 70 km na Serra do Caraça, em Cotas Altas a 120 km de Belo Horizonte, e perderam a orientação da trilha, por causa da intensa neblina na região. No dia 13 domingo, eles conseguiram avisar pelo celular que estavam perdidos. As famílias acionaram a polícia e o Corpo de Bombeiros, entretanto os

rapazes conseguiram retornar ao Colégio Santuário do Caraça após 4 dias de caminhadas e passam bem. Disseram que durante as noites enfrentaram frio de aproximadamente 5° C, mas conseguiram enfrentar as condições adversas, pois estavam preparados para a expedição com barracas, água e alimentos.

Fonte: O Estado de Minas

Coleta de Dados: Silvia Basile

Categoria: Caminhada

Data: 18/3/2003

Local: Chapada Diamantina (BA)

Vítima: Friederike Staber **Idade:** 20 anos

Descrição: A turista alemã Friederike sofreu de insolação durante uma caminhada para a Cachoeira da Fumaça na Chapada Diamantina. A turista, acompanhada por quatro amigos e um guia iniciaram a caminhada de 36 km, conhecida como “Fumaça de Baixo”. Esse passeio é feito durante 3 dias, em média, partindo de Lençóis. Após o mal súbito da turista, o guia voltou ao ponto de partida, entrando em contato com o Corpo de Bombeiros que mandou para o local 8 homens da corporação. A turista foi medicada pelos bombeiros que solicitaram o helicóptero da Casa Militar de Salvador para auxiliar no resgate.

Fonte: outros

Coleta de Dados: Silvia Basile

Categoria: Espeleoturismo

Data: 4/3/2003

Local: Casa de Pedra (SP)

Vítima: Vanderlei Dias de Moura

Descrição: No carnaval um grupo de 7 jovens foi surpreendido por uma cabeça d'água dentro da caverna Casa de Pedra. Uma cabeça d'água é como uma onda com a força de uma enxurrada, provocada por chuvas na cabeceira de rios, que percorrem terrenos acidentados e, em geral, têm leitos em forma de calha. As chuvas podem ser localizadas e mesmo assim a água acumula rápido, no leito do rio, desce o terreno com violência e também baixa depressa. Na Casa de Pedra o rio passa por dentro da caverna e é difícil perceber a aproximação de uma cabeça de água. A ocorrência de outras cabeças de água, no mesmo local do acidente, já reteve temporariamente alguns grupos de espeleólogos, mas sem consequências graves. Desta vez o guia Vanderlei, um dos mais experientes da região, foi sugado pela correnteza enquanto tentava auxiliar um turista, que também morreu afogado. A Caverna Casa de Pedra, assim como outras cavernas da região, como a da Água Suja, da Ouro Grosso, etc. possuem essa característica de “chuvas torrenciais na cabeceira e enchentes repentinas nas galerias”.

Fonte: O Estado de São Paulo

Coleta de Dados: Silvia Basile

Categoria: Canionismo

Data: 15/11/2001

Local: Chapada Diamantina (BA)

Vítima: Débora Kasem Menin **Idade:** 23 anos

Descrição: A fisioterapeuta gaúcha Débora Kasem Menim, 123 anos, morreu quando praticava rapel na Cachoeira da Fumaça, situada no município de Palmeira, na Chapada Diamantina (BA). Débora se acidentou quando tentava descer a cachoeira, uma das mais altas do Brasil, com a técnica do rapel, que utiliza várias cordas de segurança. Ela estava com o namorado, dois instrutores e amigos que moram em Salvador. Segundo os bombeiros, o acidente não deve ter sido provocado por falha de equipamento.

Fonte: O Estado de São Paulo

Coleta de Dados: Verydiana Pedrosa

Categoria: Mergulho

Data: 14/8/2001

Local: Fernando de Noronha

Vítima: Roque Ten Caten **Idade:** 61 anos

Descrição: O turista gaúcho Roque Tem Caten, 61 anos, morreu quando praticava mergulho na ilha de Fernando de Noronha. Ele sofreu um infarto no fundo do mar, durante um “batismo” - aula de mergulho inaugural para iniciantes. Segundo informantes, coes de testemunhas, o turista ainda recebeu os primeiros socorros no barco, mas não resistiu e faleceu antes de chegar ao hospital. A assessoria de comunicação do arquipélago informou que a vítima era hipertensa e teria escondido que era cardíaco.

Fonte: outros

Coleta de Dados: Verydiana Pedrosa

Categoria: Canionismo

Data: 14/4/2001

Local: Mairiporã (SP)

Vítima: Sérgio Souza Ribeiro **Idade:** 41 anos

Descrição: O professor de Educação Física, Sérgio Souza Ribeiro, 41 anos, praticava rapel na pedreira de Dibe, em Mairiporã (SP), Grande São Paulo. Segundo uma testemunha, Sérgio estava próximo ao penhasco para incentivar a filha que estava para praticar a tirolesa, quando escorregou e caiu de uma altura aproximada de 30 metros. Conforme boletim de ocorrência, “a vítima recebeu os primeiros socorros no local, mas, por não suportar os ferimentos, veio a falecer.”

Fonte: e-mail para Associação Férias Vivas

Coleta de Dados: Ângela Ennes

Categoria: Vôo Livre

Data: 20/8/2000

Local: Rio de Janeiro (RJ)

Vítima: Ricardo Chataigner **Idade:** 19 anos

Vítima: Leandro Vieira Machado **Idade:** 42 anos

Descrição: A asa delta pilotada por Ricardo Chataigner, 19 anos, chocou-se com o parapente de Leandro Vieira Machado, 42 anos, que estava muito próximo à rampa da Pedra Bonita. Ambos caíram de uma altura aproximada de 50 metros. Os dois foram resgatados por um helicóptero da Coordenadoria Geral de Operações Aéreas. De acordo com o piloto da Polícia Civil, Adonis Lopes

de Oliveira, o resgate de Ricardo teve dificuldades porque ele estava à beira de um precipício com 200 metros de altura. No caso de Leandro, foi preciso colocá-lo numa maca por suspeita de fratura do cóccix.

Fonte: O Globo

Coleta de Dados: Silvia Basile

Categoria: Caminhada

Data: 14/10/1999

Local: Teresópolis (RJ)

Vítima: Eduardo da Silva Dias Idade: 21 anos

Descrição: O turista Eduardo da Silva Dias morreu depois de sofrer uma queda de 30 metros durante uma caminhada no Parque Nacional da Serra dos Órgãos. De acordo com Luciano Santos Theodoro, que estava com Eduardo, os dois percorriam a trilha travessia Teresópolis-Petrópolis, quando, cansados, decidiram acampar na Pedra do Índio. No percurso, Luciano teria torcido um dos pés e a dupla decidiu procurar socorro. Eles então recorreram a um mapa e foram procurar um posto do Ibama. Ao notarem que estavam perdidos, os dois se separaram, tentando, desta forma, encontrar o posto mais rapidamente. Luciano então teria ouvido gritos de Eduardo, que gritava por socorro. Informados por Luciano, tanto o Corpo de Bombeiros de Petrópolis quanto o Grupo de Busca e Salvamento da Barra da Tijuca iniciaram as buscas e encontraram o corpo de Eduardo.

Fonte: O Globo

Coleta de Dados: Silvia Basile

Categoria: Caminhada

Data: 20/8/2000

Local: Nova Esperança (AM)

Vítima: Frederic Eggspuhler

Vítima: Amanda Eggspuhler

Descrição: O casal de turistas francês, desapareceu nas proximidades de Nova Esperança junto com seu guia. O local fica às margens do Rio Cuieiras, afluente do Rio Negro a 80 km de Manaus. Segundo declarações dos franceses, durante a caminhada, um forte temporal fez com que os três se perdessem do mateiro que os conduzia pela selva. Quando a chuva passou, tentaram voltar, mas acabaram se perdendo. Passaram 5 dias comendo palmito, frutas e bebendo água, confiantes que seriam encontrados. O casal deixou o acampamento no domingo para percorrer cerca de 5 km na mata. Só na segunda feira que os responsáveis pela agência de viagens Alternatur Turismo, souberam do desaparecimento e acionaram as autoridades em Manaus. Temendo a repercussão negativa para o turismo internacional o secretário de turismo do Estado, pediu ajuda ao exército, que finalmente localizaram os turistas no final da tarde de quarta feira.

Fonte: O Estado de São Paulo

Coleta de Dados: Verydiana Pedrosa

Categoria: Canionismo

Data: 8/9/2004

Local: Unaí (MG)

Vítima: Julio César de Oliveira

Descrição: Julio César sofreu um acidente quando praticava rapel na Cachoeira do Tororó em Unaí. O rapaz sofreu fratura na mandíbula, corte na perna e hemorragia interna, tendo sido encaminhado ao Hospital de Base do Distrito Federal em estado de choque.

Fonte: e-mail para Associação Férias Vivas

Coleta de Dados: Silvia Basile

Categoria: Outras

Data: 29/8/2004

Local: São Paulo (SP)

Vítima: não identificada

Descrição: Uma moça que nunca havia praticado o rapel, desceu a Ponte do Sumaré no Bairro de Pinheiros, sem ninguém para fazer a segurança, caindo desajeitadamente e com velocidade no chão.

Fonte: e-mail para Associação Férias Vivas

Coleta de Dados: Silvia Basile

Categoria: Outras

Data: 29/8/2004

Local: São Paulo (SP)

Vítima: não identificado

Descrição: Um rapaz caiu de aproximadamente 5 metros, quebrando a perna ao fazer uma transposição de corda na Ponte do Sumaré no Bairro de Pinheiros. Durante essa transposição o rapaz não prendeu o freio despencando em queda livre.

Fonte: e-mail para Associação Férias Vivas

Coleta de Dados: Silvia Basile

Categoria: Caminhada

Data: 24/6/2004

Local: Campos do Jordão (SP)

Vítima: 9 pessoas não identificadas

Descrição: Um grupo de 9 profissionais liberais, planejaram uma caminhada, saindo de Piquete, no Vale do Paraíba até Campos do Jordão. No terceiro dia percebendo que a trilha havia sumido e que a mata estava muito fechada, o grupo tentou uma nova localização, já que estavam equipados com GPS. Quando a comida e a água acabaram, entraram em contato com as famílias, que acionaram o Comando de Operações Especiais. O grupo foi resgatado no dia seguinte a 5 km. do Horto de Campos do Jordão.

Fonte: O Estado de São Paulo

Coleta de Dados: Silvia Basile

Categoria: Espeleoturismo

Data: 13/6/2004

Local: Bonito (MS)

Vítima: 5 pessoas não identificadas

Descrição: Durante passeio na Gruta Azul em Bonito, uma estalactite de aproximadamente 1,80m de comprimento e um grande diâmetro de base se desprende do teto e caiu no chão em pleno horário de visita turística. Havia naquela hora 32 pessoas na gruta, que felizmente não se encontravam na trajetória direta do estalactite. Entretanto os fragmentos do mesmo acabaram por atingir 4 turistas e 1 guia, provocando ferimentos leves.

Fonte: outros

Coleta de Dados: Sílvia Basile

Categoria: Canionismo

Data: 16/5/2004

Local: Serra do Cipó (MG)

Vítima: não identificado

Descrição: Um militar do Corpo de Bombeiros de Belo Horizonte morreu, em acidente na cachoeira Véu de Noiva, na Serra do Cipó. O bombeiro estava realizando uma descida na cachoeira com uma corda estática e procedimentos normais de ancoragem, quando a corda ficou presa em uma pedra. Para tentar soltá-la o bombeiro soltou seu equipamento de segurança (freio oito) e trocou cordas. Quando iniciou o movimento descendente, desgarrou das pedras provocando uma queda livre e na sequência um pêndulo levando a um choque frontal com as pedras morrendo na hora.

Fonte: O Estado de Minas

Coleta de Dados: Sílvia Basile

Categoria: Canionismo

Data: 25/4/2004

Local: Pindobaçu (BA)

Vítima: não identificado

Descrição: O rapaz que estava praticando canionismo na Serra da Fumaça em Pindobaçu quando ao fazer um rapel sofreu um acidente, ficando paraplégico. A vítima só foi resgatada no dia seguinte a noite, tendo sido internada na cidade de Senhor do Bonfim.

Fonte: e-mail para Associação Férias Vivas

Coleta de Dados: Sílvia Basile

Categoria: Arvorismo

Data: 4/1/2005

Local: Bauru (SP)

Vítima: Saulo Ricardo Banhos **Idade:** 25 anos

Descrição: Saulo praticava tirolesa em um pesqueiro da cidade de Bauru quando um erro dos funcionários provocou o acidente. De acordo com um amigo da vítima, o empregado que deveria fazer a segurança da atividade não estava no local. Saulo bateu a cabeça em uma viga de madeira e teve traumatismo craniano, tendo sido internado no Pronto Socorro Central de Bauru.

Fonte: Agência Estado

Coleta de Dados: Sílvia Basile

Categoria: Canionismo

Data: 5/11/2004

Local: Ouro Preto (MG)

Vítima: Lineu Issao S. Takano **Idade:** 22 anos

Descrição: O estudante da Universidade Federal de Ouro Preto, e natural de Uberaba, estava com um grupo de amigos praticando rapel em uma cachoeira no distrito de Lavras Novas, quando sofreu um acidente fatal. Segundo os bombeiros, o universitário estava sem a ancoragem – corda que auxilia o controle da velocidade – e despencou de uma altura de 130m. O resgate só pode ser efetuado no dia seguinte por ser um local de difícil acesso.

Fonte: Folha de São Paulo

Coleta de Dados: Sílvia Basile

Categoria: Caminhada

Data: 11/11/2004

Local: Ilha Grande (RJ)

Vítima: grupo de 12 estudantes

Descrição: Um grupo de 12 estudantes da Universidade Federal Fluminense, chegou a Ilha Grande para uma caminhada e acabaram ficando presos na Praia do Aventureiro devido as fortes chuvas. Até o dia 16 de novembro não foram resgatados, pois o Corpo de Bombeiros aguarda que o tempo e a ressaca do mar melhore para poderem proceder ao resgate.

Fonte: outros

Coleta de Dados: Sílvia Basile

Categoria: Caminhada

Data: 31/10/2003

Local: Ilhabela (SP)

Vítima: Daniel Geyermahn **Idade:** 24 anos

Vítima: Cedric de Ville de Goyet **Idade:** 24 anos

Vítima: P.I. **Idade:** 14 anos

Descrição: Os turistas moradores na capital de São Paulo, iniciaram uma caminhada na quarta-feira dia 29, por uma trilha localizada na Praia do Jabaquara, extremo norte do município, rumo a Praia de Castelhanos, ao leste da ilha. Depois de andarem 12 quilômetros, o grupo parou próximo a Cachoeira da Serraria para pernoitar. Com fortes chuvas durante a madrugada, o nível da cachoeira subiu carregando roupas, calçados, e outros pertences. Ainda de madrugada, os turistas seguiram mais 4 quilômetros descalços até chegarem na Praia da Serraria na quinta-feira, dia 30 à tarde. Lá os moradores da comunidade acionaram a Defesa Civil que efetuou o resgate, tendo terminado a aventura bem de saúde, mas com os pés inchados e cortados.

Fonte: outros

Coleta de Dados: Sílvia Basile

ANEXO 6

Texto retirado do Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável do Turismo de Aventura, realizado pela Oficina de Planejamento de Caeté-MG, 2001, páginas 8, 9 e 10.

6.1- Principais modalidades

Ar

- Pára-quedismo
- Sky-surf
- Base jump
- Asa-delta
- Parapente – infla e decola
- Balonismo
- Ultraleve

Terra

- Espeleologia – exploração de cavernas
- Excursionismo, caminhadas, trekking e hiking
- Rallies – classe turismo
- Bung jump
- Rope swing – pêndulo c/ corda
- Cavalgada
- Orientação – caminhada, corrida
- Canionismo – rapel, tirolesa
- Montanhismo – escalada, caminhada
- Ciclismo
- Mountain bike – cicloturismo
- Off-road – fora-de-estrada
- Arborismo
- Motocross
- Sand board – prancha na areia

Água

- Caiaque
- Surfe
- Mergulho
- Vela
- Acqua-rider
- Bóia-cross
- Rafting
- Outrigger – canoa havaiana
- Canoa
- Windsurf
- Morey-bug – body boarding

